

JOÃO PEDRO OLIVEIRA

TERRA NEGRA

NOTA DO EDITOR

Este livro apresenta temas que podem ferir a susceptibilidade dos leitores, nomeadamente abuso sexual.



Editorial Divergência

Dezembro de 2025

FICHA TÉCNICA

Título: Terra Negra

Autor: João Pedro Oliveira

Coordenação editorial: Arlete Gomes

Edição: Filipe Heath, António F. Vicente e Arlete Gomes

Revisão: Arlete Gomes

Artista de capa: João Rodrigo Carvalho

Imagens do interior: João Pedro Oliveira

Composição: João Bento

ISBN: 978-989-9306-69-1

Este livro foi composto pelos tipos:

Palatino Linotype e CoFo Glassier

©2025 Grupo Editorial Divergência

©2025 João Pedro Oliveira

©2025 João Rodrigo Carvalho

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor.

Grupo Editorial Divergência

Centro de Negócios de Ansião

Parque Empresarial do Camporês

3240-465 Chão de Couce

Portugal

Website: <https://divergencia.pt/>

E-mail: geral@divergencia.pt

Telefone: 928 155 850

O Grupo Editorial Divergência e a Editorial Divergência são marcas da DNL Convergência, Lda.

Este livro foi criado por humanos, para humanos. Nele, não foi utilizada inteligência artificial generativa, e proibimos que o seu conteúdo e arte sejam utilizados para o treino e desenvolvimento de modelos e tecnologias de inteligência artificial.



**Financiado pela
União Europeia**
NextGenerationEU

JOÃO PEDRO OLIVEIRA

TERRA NEGRA



Cogme



Montanha

Rio

Barragem

Barragem

Mosteiro

Antigo Cemitério

Lago

Taverna

Lalão

Dee

Lago

Igreja

Mercado

Praça

Estalagem

Lago

Barragem

Lago

Lago

Oceano

Castelo
Ilha

Bosque

Bosque

O HOMEM QUE VIAJAVA NO TEMPO



1.

Sentado sobre um penedo, observando a esparsa planície diante dos seus olhos, Cao Guojiu não sabia que aquele com quem dialogava era o seu filho Cao Dongbin, que nesse momento ainda não nascera.

Guojiu tinha um escudo e uma espada poisados no regaço. Dongbin tinha um simples relógio de madeira, sem marcas nem números. Mesmo protegidos por armaduras metálicas, os corpos de pai e filho estavam sujos de poeira do deserto e de manchas de sangue seco.

Nunca mais saio daqui, lamentou-se Guojiu. Temo ficar neste deserto para sempre, não ter oportunidade de ver o meu filho nascer. Guojiu enfiou uma mão na areia infértil e fê-la escoar por entre os dedos, como o tempo numa ampulheta. À volta do meu lar, a terra é negra como a noite, está prenhe de vida. Mesmo quando não semeio, mesmo quando não rego, crescem nela plantas verdes, flores amarelas e frutos vermelhos. O trabalho de um agricultor é dar vida à terra. Não é dar a morte a outros homens. Vede, Dongbin. Esta terra não é negra. É vermelha. Vermelha do sangue que os homens já derramaram sobre ela.

Como se procurasse validar as palavras do pai, Dongbin agarrou num punhado de areia e fê-la também escoar por entre os dedos. Qual era a vossa ocupação antes de fazerem de vós um guerreiro forçado, questionou Guojiu. Vivia também da terra, respondeu Dongbin. Éreis também agricultor? Não. Digamos que era alquimista. Alquimista? Alguma vez haveis logrado transformar o chumbo em ouro, alcançar o elixir da imortalidade? Não, refutou Dongbin. Não percebo qual a relação entre a alquimia e a terra.

Embora, nos nossos dias, estejamos habituados a pensar em alquimistas como homens que se fecham nas suas celas e tentam transformar a realidade naquilo que ela não é, não era esse o desígnio inicial, esclareceu Dongbin. Originalmente, Alquimia era uma palavra de uma terra distante, ainda mais além deste deserto e das grandes montanhas cobertas de neve, uma terra que outrora se chamou Kemet e à qual hoje chamamos Egipto. Dongbin estendeu uma mão calejada na direcção de Guojiu, pedindo-lhe a espada, com cuja ponta desenhou, sobre a areia, símbolos arcanos. Guojiu desconhecia-os, mas julgava que um deles representava um pássaro, talvez um mocho.

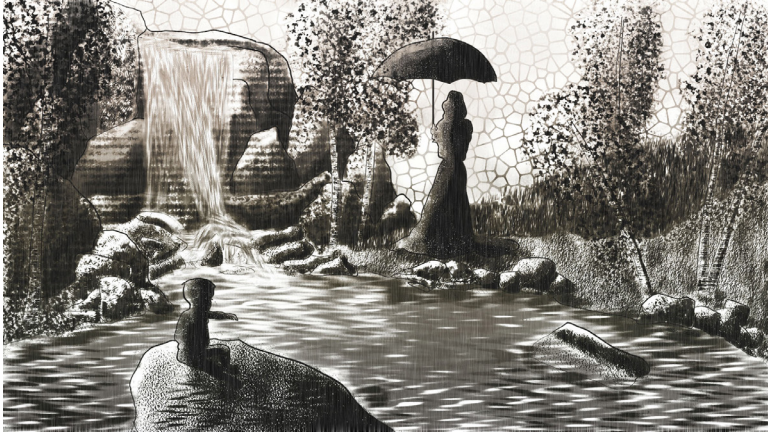


Kemet era banhada por um rio sagrado, o Nilo, tão sagrado que a terra foi apelidada de jóia desse rio, continuou Dongbin. As águas subiam terra acima, trazendo nutrientes das montanhas e do coração do bosque, enegrecendo-lhe as margens, dando-lhe vida. À volta, onde as águas não chegavam, a terra era infértil e vermelha, um lugar de morte e desolação. Chamava-se *Deshret*. Deserto. Dongbin poisou novamente a ponta da lâmina no chão, desenhando novos símbolos, entre eles o que parecia ser uma mão, um olho e outro pássaro, possivelmente um flamingo.



Kemet e *Deshret*, repetiu Dongbin. Da primeira, teve origem a palavra «alquimia», a ciência do ser humano que tenta subir ao topo e penetrar no coração da realidade, contrariamente aos rios que já descem naturalmente do topo das montanhas. Da segunda, gerou-se a palavra «deserto». Deserto é onde não há vida, onde o ser humano

O HOMEM QUE REJUVENESCIA



1.

Dois jovens atravessaram os densos arbustos do bosque debaixo de um guarda-chuva que os protegia de um aguaceiro profuso. Seguiam os passos de uma criança que, apesar da idade, caminhava com a confiança de quem conhecia aqueles caminhos inóspitos como a própria sombra.

Chegámos, disse ela, quando afastou os galhos de um último arbusto e revelou uma clareira do outro lado. Erguendo o guarda-chuva, viram um pequeno lago com uma cascata. Após uma observação rápida, o rapaz deu o guarda-chuva à rapariga e começou a despir as suas roupas até ficar integralmente nu. Estais pronta, perguntou. Estou, respondeu ela, pesarosa, tal como se o rapaz estivesse prestes a partir numa longa viagem e não soubesse ao certo quando regressaria. O reflexo distorcido do rapaz surgiu espelhado na superfície das águas. Adeus, Caihe, despediu-se. Adeus, Wukong, respondeu ela.

Fechando os olhos, Wukong saltou e desapareceu debaixo das águas. Ficou submerso durante muito tempo, imóvel e sustendo a respiração. Caihe viu a barba rala desaparecendo-lhe do rosto, os ombros encolhendo-se, o corpo diminuindo progressivamente

de tamanho. Quando Wukong parecia acabado de nascer, desprovido de cabelos ou dentes, Caihe atirou o cabo do guarda-chuva para dentro de água, aproximando-o do recém-nascido que, talvez imaginando que era a sua mãe que lhe tocava, cerrou as mãos com força, deixando-se ser novamente puxado até à margem. Enternecida, Caihe tomou-o nas suas mãos, secando-o com a bainha da sua saia e depois fitando-lhe o rosto imberbe. Já não era Wukong. Ninguém poderia dizer ao certo quem era. Qualquer nome que lhe fosse dado e as ideias que tal nome evocasse seriam posições. Só o tempo, dando-lhe memórias e emoções, diria qual o seu verdadeiro nome, qual a sua identidade.

Caihe olhou derredor. A criança que os conduzira até ali desaparecera, deixando-a a sós com o recém-nascido extraído das águas, tal como se Caihe fosse a mãe e Wukong o filho. E, como uma nova mãe, Caihe aproximou o rosto desse filho emprestado ao seu e beijou-o. Incomodado, ainda desabituaado desse mundo e das sensações que este lhe oferecia, o menino franziu as sobrancelhas, procurou abrir os olhos pela primeira vez e, apoquentado com aquela intensa luz e as gotas de água que penetraram na sua vista, abriu os pulmões e chorou.

2.

Como se esperasse por algo, sentado num banco da cozinha, Wukong fitava os lentos ponteiros do relógio. Restavam-lhe escassos minutos antes de o dia e de Caihe acordarem, momento em que não estaria mais ali. Pensava no destino. Para onde iria? Não sabia ao certo. Trilhara já os caminhos que deveria trilhar na vida. Não tinha mais motivos para viver. No entanto, como qualquer ser humano, almejava atingir um contentamento perpétuo e o seu reverso, a dor e o sofrimento.

Quando o céu começou a clarear, Wukong levantou-se resignadamente e carregou a trouxa que tinha ao lado como se fosse tão pesada quanto o tempo. Pensaria no seu destino durante o caminho. O que importa na vida é não deixar de caminhar, pensou, mesmo quando não se tem um destino em mente, pois os destinos não se pensam, encontram-se.

Antes de sair, Wukong acercou-se da cama sobre a qual Caihe dormia. Queria observá-la uma última vez, guardar aquela memória eternamente e mantê-la sempre vívida. Desejava tocar-lhe e beijá-la, mas recebeu acordá-la.

Embora julgasse que toda a aldeia dormia, quando abriu a porta de casa, Wukong viu que alguém o esperava. Era Bajie, o mais

velho ancião da aldeia. Empunhava uma espada cuja lâmina brilhava à luz de uma lua esmaecida e cujo reflexo iluminava também o seu rosto decrépito.

Indefeso, apenas com uma trouxa nas mãos, Wukong encostou-se à porta. Imaginava que fosses partir. Qual o segredo da vossa juventude, perguntou Bajie, brandindo a espada. Lamento, retrucou Wukong. Os homens, incluindo os imperadores, tentaram buscar a vida e juventude eternas, mas, qual ironia do destino, encontraram somente a morte. Será também esse o vosso destino, Bajie, por isso, peço-vos que afasteis a espada e me deixeis partir em paz. Foi um erro ter voltado. Foi um erro ter partido. Talvez tenha mesmo sido um erro ter nascido. Quem sabe se não surgi neste mundo por equívoco, sem a consciência dos deuses, que, tal como não se ocuparam do meu nascimento, também nunca se ocuparão da minha morte. Se não cumprirdes a promessa que me haveis feito, ou ireis à guerra ou encontrareis a morte nas minhas mãos, ameaçou Bajie.

Wukong não desejou prosseguir a discussão. Fleumático, virou o rosto e começou a caminhar antes do despertar da alvorada. Tão ávido como amedrontado, Bajie correu com quantas forças possuía. Quase logrou cravar a lâmina da espada na pele de Wukong, mas Wukong virou-se e defendeu-se a tempo, empurrando Bajie. Velho e frágil, Bajie caiu no chão, batendo com o débil crânio numa pedra aguda e permanecendo inerte no chão.

Agastado, Wukong chamou por Bajie repetidas vezes, mas, não ouvindo resposta nem vendo movimentos, apenas levou as mãos à cabeça e olhou para trás para ver se estava ali mais alguém. O seu olhar deteve-se na janela do seu quarto, na qual se desenhava uma silhueta feminina. Caihe. Wukong ergueu-se e começou a retroceder uns passos, procurando ganhar coragem para se virar definitivamente e correr. Correria à deriva na direcção do bosque. Esperava morrer, talvez cair de uma falésia ou ser atacado por um animal selvagem. Contudo, antes de deixar definitivamente o passado para trás, ouviu uma voz. Esperai, pediu Caihe. Não vades.

A silhueta desapareceu da janela. Wukong esperou que ela chegasse até junto de si, tomasse contornos cada vez mais definidos e o cingisse nos braços trémulos. Para onde ides agora, perguntou Caihe. O céu estava cada vez mais pálido. Dali por pouco tempo, os pássaros começariam a cantar, anunciando a chegada de um novo dia. Creio que regressarei àquele lago, respondeu Wukong. Farei aquilo que deveria ter feito quando lá fui pela primeira vez. O quê? Mergulharei nele, susterei a respiração e não voltarei a sair. Até me tornar num adolescente, numa criança, num recém-nascido, num feto, num embrião, no que quer que sejamos antes de nascermos.

Não, negou Caihe. Para isso, não é preciso voltardes a ser um feto, um embrião ou o que quer que sejamos antes de nascermos. Bastará serdes um recém-nascido. Os recém-nascidos não têm ideias, muito menos memórias, remorsos ou dores. É por isso que os invejamos, porque não logramos ser como eles, embora dentro de nós ainda viva o recém-nascido que um dia fomos e já viva o idoso moribundo em quem um dia nos transformaremos. Ainda que só agora tenha entrado na vida adulta, também eu desejo voltar a uma infância perdida, mas sei que é impossível. Na guerra, a paz conquista-se após o derramamento de muito sangue. Também a vida é assim. E eu possuo ainda muito sangue por derramar. Porém, mesmo na impossibilidade de voltar a ser uma criança, sempre desejei acalantar uma nos braços, ajudá-la a fazer desabrochar a pessoa que dorme dentro de si e nunca deixar adormecer a criança que guardará eternamente consigo.

3.

Aquilo que eu ouvi é verdade, perguntou Caihe, trocando longos olhares com Wukong. Ou foi apenas um ardil para vos escapulirdes da batalha? Wukong tomou a mão dela e apertou-a com força contra o peito. Não imaginara esta necessidade de revelar o segredo, a possibilidade de uma guerra e de, após tantas décadas desde a última, participar noutra, revelou. Acontece que, embora seja o ser humano a imaginar o mundo e as guerras, o mundo e as guerras são sempre imprevisíveis. Quero ouvir tudo, confessou Caihe. Quero ouvir toda a história. Anuindo, Wukong puxou-a consigo até ao jardim da aldeia. Fora ali que se tinham cruzado pela primeira vez, quando ela era ainda uma jovem impúbere e ele era já um idoso.

Tieguai, um ancião de noventa e um anos, andava desamparado pelo bosque. Tinha o corpo encardido e as roupas rasgadas. Embora as pernas esguias lhe tremessem e o coração lhe quisesse sair do peito, fugia. Chegado a uma nova clareira e sentindo que o espírito não aguentaria muito mais encurralado no seu corpo, sentou-se momentaneamente numa pedra para repousar. Pouco depois, ouvindo o respigar de uns arbustos ao longe e percebendo que alguém se aproximava, ergueu-se, preparado para continuar a sua fuga. No entanto, quando viu que não era nem um animal selvagem nem nenhum dos aldeões quem o perseguia, deteve-se. Era outro idoso. Chamava-se Guolao. Dizia já ter viajado por várias terras e ouvido falar de um lago com uma catarata que concedia a

juventude a quem a buscasse. Tieguai não teve fé nessas palavras, mas, consciente de que não lhe restava outra solução, partiu em busca desse lago. Atravessou montanhas, bosques e desertos, os mesmos que atravessara na verdadeira juventude, quando participara na guerra. Pelo caminho, Tieguai questionou inúmeros viajantes e aldeões sobre a localização da fonte. Alguns já tinham ouvido falar dela, mas não sabiam onde se encontrava. Os mitos e as lendas contradiziam-se, apontando destinos diferentes. Em cada noite que adormecia num quarto de estalagem, Tieguai acreditava que não voltaria a acordar no dia seguinte.

Um dia, após muito procurar, Tieguai encontrou uma criança, a mesma que Caihe conheceria passados poucos anos. O infante desejava saber o que fazia ali um idoso cujos pés, turvos e inchados, pareciam já ter caminhado tanto. Exaurido, Tieguai pensou que seria inútil contar-lhe a verdade, mas, por insistência, acabou por fazê-lo. Grande foi o espanto e desconfiança que sentiu quando a criança lhe contou que conhecia essa fonte de que falava. Percebendo que nada perdia, assentiu segui-la e, após percorrerem juntos o bosque por caminhos inexplorados, chegaram a uma clareira onde havia um lago com uma cascata que renovava continuamente as águas. Tende cuidado, advertiu a criança. Quando mergulhardes nestas águas, o vosso corpo perderá a idade. As rugas desaparecerão, os cabelos brancos ganharão novamente cor, a vista e a audição tornar-se-ão mais precisas e os músculos avolumar-se-ão. No entanto, não sejais cobiçoso. No passado, muitos foram os que aqui se submergiram, ansiando a juventude. Ficaram imersos durante largos minutos, quase até à asfixia. Sentiram o corpo remoçar e não desejaram emergir para onde o tempo corre inexorável. Queriam ser tão jovens quanto possível, mas tornaram-se novamente recém-nascidos sem a consciência de que teriam de sair do lago, permitindo que os seus corpos se transformassem num feto, num embrião, no que quer que sejamos antes de nascermos.

Sem tirar os olhos desse lago há muito cobiçado, Tieguai despiu as roupas manchadas e rasgadas. Mergulhou uma única vez. Debaixo de água, sentiu uma sensação insólita. O tempo, embora imaterial, é pesado. Quando somos jovens, não sentimos o seu peso, tal como não sentimos o peso do ar. No entanto, na velhice, ele pesa-nos e faz-nos curvar as costas.

Quando se imergiu nas águas do lago, Tieguai deixou de sentir esse fardo que há muito o atormentava. O corpo tornou-se leve, tal como se não existisse, tal como se levitasse. Era uma sensação insólita, mas Tieguai não se deixou cativar durante muito tempo. Quando abriu os olhos e, mesmo debaixo da água cristalina, viu que

as mãos já não eram carcomidas pela artrite e que os braços já não estavam engelhados. Regressou à margem. Não era mais Tieguai. Era Wukong, um jovem que desaparecera há muitos anos, tendo-se transformado num velho.

Ao sair da água, apercebeu-se que a criança desaparecera. Olhando derredor, sentindo a brisa florestal acariciando-lhe a pele novamente lisa e fresca, perguntou-se se ela não seria também um velho no corpo de um infante, se ela própria não tivera de mergulhar naquelas águas dezenas de vezes, assim sentindo que era sua missão conduzir e instruir os viajantes que ali procurassem chegar.

Desabituaado desse corpo, mal lembrando que um dia ele fora seu, Tieguai aferiu-o. Abriu e fechou as mãos, dobrou os joelhos e, não sentindo qualquer dor ou cansaço, correu em torno do lago e deu murros no vazio. Quando parou, debruçou-se sobre as águas, não para rejuvenescer mais, mas para observar o reflexo do rosto jovem. Um dia, não se lembrava ao certo quando, imaginara que não o veria nunca mais, mas agora ali estava ele, tão nítido como qualquer rosto que observava nas ruas, tão mágico como o fogo-de-artifício que os magos do imperador tinham atirado para o céu quando Tieguai era jovem e regressara vitorioso da guerra.

Atenta, Caihe nunca interrompeu a história. Porque é que nunca mo havíeis contado, perguntou. Tínheis medo de que eu vos rejeitasse, que vos mandasse embora? Desejáveis que eu habitasse uma ilusão, que não percebesse que trajáveis uma máscara? Esconder a verdade é também um modo de mentir. Ia contar-vos, admitiu Wukong. O meu desejo era não vos deixar envelhecer, tornar-vos eternamente jovem. Queria que o segredo se mantivesse apenas entre nós. Quando o tempo propício chegasse, levar-vos-ia até ao lago, rejuvenesceríamos juntos e seríamos felizes para sempre.

Caihe cobriu o rosto com uma mão, querendo guardar só para si o sofrimento. Pensei que era feliz, ululou. A felicidade ilusória é a maior das tristezas. Pensei que conhecia a minha felicidade. Estava enganada. Só pensais em vós, em serdes jovem e forte, em me terdes ao vosso lado para sempre, mas não pensais minimamente no que sinto, no que todas as outras pessoas da aldeia sentem. Confundis os vossos sentimentos com os dos outros. Embora soubesse que Caihe estava certa, Wukong sentiu-se magoado. Quem me dera nunca vos ter conhecido, rematou Caihe. Quem me dera ouvir apenas o vosso nome quando morrêsseis, quando já tivesse a inocência de uma palavra extinta, no vosso funeral. Hoje, irei adormecer e, quando acordar amanhã de manhã, não desejo ver-vos mais aqui. Se me

prezardes de facto, por favor, desaparecei da aldeia e não volteis nunca mais.

O sol atravessava vagarosamente o céu. Nas árvores, os pássaros cantavam. Aceitando a sua fortuna, Wukong levantou-se, tomou a mão de Caihe e, como se ela fosse uma idosa sem forças, conduziu-a de volta a casa. Ela deitou-se na cama e esperou impaciente pela chegada da noite. Quando percebeu que o cansaço e a desilusão a tinham feito adormecer, Wukong deixou-a e, abrindo uma trouxa, arrumou nela os poucos pertences que tinha, algumas peças de roupa e provisões para saciar a fome durante o caminho.

4.

Os anciãos, entre os quais figurava Bajie, pediram aos aldeões que se juntassem na praça. Sabia-se que existiam apenas dois motivos para tais assembleias, quando se celebrava um acontecimento jubiloso ou quando se lamentava um trágico. Os acontecimentos jubilosos eram conhecidos de antemão e amplamente aguardados, mas os trágicos chegavam sem qualquer aviso.

Casados há meses, Wukong e Caihe viviam felizes, levando apenas uma vida denegrida por não terem logrado ainda ter tido filhos. Apesar dessa tristeza, não podendo melhorar a vida do filho por nascer, empenhavam-se em melhorar a vida dos conterrâneos.

Vivendo numa casa afastada da praça, Wukong e Caihe foram os últimos a chegar. No topo de um penedo onde todos o conseguiam ver, Bajie iniciou o discurso. Nos últimos dias, tinham-se avistados estrangeiros escondidos nos arbustos além da grande muralha. Vinham montados em cavalos e munidos de armas de ferro. Após décadas desde o último fracasso, já teriam esquecido o tormento dos seus familiares mais velhos, subjugados e violentamente expulsos daquelas terras, desejando agora renovar o ataque. Uma vez que a aldeia seria uma das primeiras a ser atingida por tal invasão, exigia-se aos jovens saudáveis e fortes que integrassem um exército de defesa.

As reacções multiplicaram-se. Alguns jovens, tendo levado uma vida de calma e irrelevância desde o nascimento, celebraram. Sempre tinham buscado glória no poder e na sabedoria, mas ainda não a tinham encontrado. Agora, tinham uma nova oportunidade de renovarem a esperança. Outros, já tendo encontrado pelo menos a sabedoria, temeram. Graças a essa sapiência, sabiam que o ser humano se tentava convencer com palavras mansas. Sempre se disse que era nobre um indivíduo morrer pelo colectivo, mas nunca ninguém vira tal sacrifício. O mais comum era colectivos inteiros desaparecerem por um único homem.

Wukong sentia-se diferente de todos. Ao longo da vida, encontrara já o poder e a sabedoria e não desejava perdê-los, mas o mais angustiante era o facto de não ser verdadeiramente um jovem, de não ser nem forte nem saudável. Essa era apenas a aparência, fruto da magia inconcebível da natureza. Na realidade, porém, era um velho sem forças nos membros e de mente já morosa. Sacrificara a velhice e a identidade para se casar com Caihe, não para ser enviado para a fronteira e ter de lutar contra invasores. Já cumprira essa função no passado por todos desaprendido. Nada devia aos seus pares. Agora, na velhice, cobiçava somente uma réstia de descanso. Mas não podia revelá-lo. O que diria Caihe? O que diria o pai dela, o senhor Li, que consentira e rejubilara com o casamento?

Num silêncio que misturava o desconsolo e a incerteza, a multidão dispersou-se. Nessa noite, quantos jovens não dormiriam a pensar que teriam oportunidade de mostrar quem realmente eram. Quantas esposas e mães não dormiriam a pensar que os maridos e filhos iam para a guerra e poderiam nunca mais voltar. Wukong não desejava ser um deles. Embora Caihe desejasse regressar a casa e estar a sós com os seus pensamentos, Wukong deixou-se ficar para trás. Já vou ter convosco, prometeu-lhe, abraçando-a e beijando-a. Não vos preocupeis. Arranjarei uma solução.

Quando restavam apenas os anciãos no topo do penedo, Wukong aproximou-se de Bajie e, num gesto de humildade, prestou-lhe reverência. Wukong, estou-vos grato por tudo o que haveis feito pela nossa aldeia, agradeceu Bajie. Agora o esmero que vos solicitamos é superior, pois implica não simplesmente desenvolvê-la, mas conservá-la. Obrigado, senhor Bajie. Se fosse possível, gostaria de falar convosco em privado, em minha casa, pediu Wukong. Expectante, Bajie concordou em acompanhá-lo.

Chegando ao destino combinado Wukong e Bajie fecharam-se no escritório. Curiosa, desejando secretamente conhecer o plano do marido para se escapular da guerra, Caihe colocou as mãos em forma de concha junto ao ouvido e aproximou-se sorrateiramente da porta.

Qual o assunto tão secreto e fulcral que tendes para partilhar comigo, senhor Wukong, perguntou Bajie, aceitando sentar-se no banco que Wukong lhe oferecia. Não posso ir à guerra, frisou Wukong. Não podeis ir à guerra, repetiu Bajie, desconcertado. Sois um jovem saudável e forte. Tendes a incumbência de defender a comunidade. Não é uma escolha, mas um dever. Não me reconheceis, Bajie? Estranhando a familiaridade com que Wukong o tratava, Bajie franziu o sobrolho. O que quereis dizer com isso? Sois Wukong, um viajante que se fixou na nossa aldeia.

Inquieto, Wukong ergueu-se, aproximando o seu rosto do de Bajie. Olhai bem para mim, Bajie, para os meus olhos, e dissei-me se não me reconheceis. Não compreendo, respondeu Bajie. O que fazeis? Porque falais comigo de modo tão indecifrável? Subitamente, uma centelha de compreensão iluminou-lhe o semblante. Agora que observava com maior reparo, lembrava-se de já ter visto aquele rosto anteriormente, há muitos anos, muito anos antes de Wukong sequer poder ter nascido. Quem sois, perguntou Bajie. Sou Tieguai, respondeu. Do outro lado da porta, Caihe abriu os olhos e sentiu o corpo estremecer. Sois o neto de Lan Tieguai, questionou Bajie. Não pode ser. Ele nunca se casou nem teve filhos. Não, não, refutou Wukong. Não sou o neto. Sou o próprio Tieguai.

Alvorçado, também Bajie se levantou. Não façais pouco de mim, senhor Wukong, rogou. Se fosse vivo, Tieguai não teria o vosso aspecto jovial. Andaria pela casa dos cem anos. Eis a minha idade, ditou Wukong. Sou um velho. Tenho as memórias e a maturidade de um velho. Tenho o corpo de um velho. Não posso ter filhos. Não posso ir à guerra.

Do outro lado, transtornada, Caihe perdera todas as forças. Como uma escultura, sentia-se incapaz de sair dali e fingir que nada ouvira.

Até hoje, tive-vos em boa consideração, admitiu Bajie. Hoje, saio daqui a pensar que sois um louco, quiçá um vigarista. Tereis ouvido algures a história de Lan Tieguai e agora servi-vos dela para fugir ao vosso dever. Esperai, pediu Wukong, cobrindo a porta com os braços abertos. Tendes de acreditar em mim, Bajie. Conheço-vos bem. Também me conheceis a mim. Há alguns anos, antes de fugir para o bosque, contei-vos como gostaria de poder ser jovem e forte outra vez. Haveis-me respondido que tudo não passava de uma quimera, que ninguém poderia andar para trás no tempo, que apenas podemos fazê-lo nas histórias que fabricamos.

Escutando tais palavras, Bajie deteve-se. Precisou de largos segundos para se recompor, momento em que se sentou novamente. Como é possível? Dissei-me, Wukong. Desde tempos imemoriais que buscamos o segredo da perenidade. Imperadores morreram por consumirem as substâncias mais tóxicas, pensando que lhes dariam a juventude e vida eternas. Como é que vós, um mesquinho homem que sempre aqui viveu, que nunca casou, que nunca teve filhos, haveis reconquistado a juventude? Lamento, mas não posso revelá-lo, desculpou-se Wukong, pesaroso. Porquê? Porque o que traz a vida eterna não é em si eterno como o sol, mas finito como o ser humano. Se todos nós conhecêssemos o segredo, deixaria de haver essa hierarquia tão essencial às nossas vidas, jovens de quem

podéssemos cuidar e idosos que pudéssemos reverenciar. Se tais diferenças cessassem, cessariam também o respeito e a ordem. Não teríamos de nos defender de invasores, mas de nós mesmos.

Muito bem, aquiesceu Bajie. Arranjarei uma desculpa qualquer, uma que não seja essa verdade que dizeis pregar, para não irdes à guerra. Aliviado, Wukong sorriu e aproximou-se de Bajie para apertar-lhe a mão e agradecer-lhe a benesse. No entanto, desejo algo em troca, notou Bajie. O quê, perguntou Wukong, detendo-se. Também eu já sou um velho que se arrependeu de muito do que fez no passado e, sobretudo, de muito do que não fez. Adormeço cada noite com receio de não voltar a acordar na manhã seguinte. Nesse momento, Bajie ergueu-se e consentiu que Wukong apertasse a sua mão. Quero que me reveleis o segredo. Apenas a mim. Quero ser novamente jovem e não pensar que poderei morrer amanhã, para a semana, ou daqui a escassos meses. Não revelarei o segredo a mais ninguém.

5.

O casamento de Wukong e Caihe foi motivo de celebração. As crianças tomavam-nos como exemplos, um reflexo das pessoas em que desejariam tornar-se quando crescessem. Os idosos, por sua vez, depositavam neles as esperanças de um futuro promissor.

Desde cedo, Wukong revelou vontade em remodelar a sua antiga casa, do tempo em que era ainda Tieguai. Sentia desconsolo que uma casa tão espaçosa permanecesse inutilizada. Desejava habitar nela com Caihe, mas ela rejeitava-o, e, acedendo à sua vontade, Wukong pensou em construir uma casa afastada tanto da do senhor Li como da de Tieguai. Antes de se plantar um jardim, é imperioso arrancar as ervas daninhas e lavrá-lo, disse Wukong, dando uma picareta a Caihe. Do mesmo modo, antes de se construir uma nova vida, é preciso destruir a antiga. Sensível a tais palavras, Caihe agarrou na picareta e, juntamente com Wukong, demoliu o que sobrava da casa de Tieguai, até a fundação que ela ocupava não ser diferente de um campo acabado de lavar.

Wukong desejava construir a nova casa com as próprias mãos. Caihe acreditava que a casa que construía estava ainda demasiado vazia. Necessitava de mais alguém que a continuasse, a si e a Wukong, quando a pele e a carne, mais efémeros do que a madeira e a pedra das casas, desaparecessem. Mas tal vida parecia tardia. Antes dela, interpunha-se permanentemente o derrame de sangue mensal. No início, tal desassossego afectou unicamente o casal, mas com o correr do tempo alastrou-se, primeiro ao senhor Li, depois aos dos familiares mais afastados e, por fim, a toda a aldeia.

Não percebo, admitiu Caihe, desgastada, vendo que o sangue lhe corria novamente. Neste momento, se os céus forem benignos, estamos mais próximos do nosso nascimento do que do nosso decesso. Porque é que, como se estivéssemos mais próximos da morte, como se fôssemos velhos, apenas nos conseguimos limitar a sermos nós mesmos? Wukong não o sabia. Sentia-se desconsolado, não apenas por si próprio, mas também por Caihe.

Não logrando dormir nessa noite, Wukong levantou-se da cama e caminhou pela aldeia adormecida. A luz da lua cheia iluminava o chão. No jardim, o lago reflectia a luz lunar, iluminando as árvores e as flores. Wukong debruçou-se sobre a água e mirou o reflexo, tal como quando emergira do lago da juventude etérea, observando atentamente o rosto e depois os olhos, que guardavam os segredos da alma. Tentou compreender se, como Caihe dissera, poderia ser verdadeiramente um velho, se as águas misteriosas apenas tinham alterado a sua figura exterior, mas, no fundo, a sua alma permanecesse invariável. Todos trazemos dentro de nós a criança que fomos, como ruínas, e somos também já o velho que seremos um dia, como um desenho de uma casa por construir, lamentou Wukong para o jardim vazio. Quando crescemos, perdemos a força do corpo e da mente, mas ganhamos memórias. Tenho o rosto, a pele e a força de um jovem, mas a mente de um velho. Voltei a ganhar as forças, mas não perdi as memórias. Mais alguma parte daquilo que sou continuará como antes? O lago, a lua e a noite não responderam. Desesperançado, Wukong levantou-se e iniciou o percurso de regresso a casa.

6.

Era claro para Caihe que um firme sentimento a aproximava de Wukong. Era uma certeza evidente, tão evidente que era difícil traduzi-la por palavras, tal como era difícil traduzir por palavras a existência do sol, dos pássaros ou do vento. Caihe desejava confessar esse sentimento, dar um novo rumo à vida ainda incógnita, mas não sabia como fazê-lo. Eram palavras que sempre soubera, mas que nunca aprendera em lado algum e que jamais transmitira a alguém. Perscrutando o olhar e os subtis gestos de Wukong, acreditava que ele partilhava do mesmo sentimento, mas que, por algum motivo ignoto, temia revelá-lo. Só o tempo, implacável, nunca deixava de se revelar. O sol erguia-se e deitava-se. Os pássaros voavam a cada manhã. O sol era eterno e os pássaros efémeros. Ora havia poucos, ora havia muitos. Caihe via tanto crias voando atrás dos pássaros crescidos como pássaros mortos no chão. É esse o significado da

vida adulta, pensou. Toma-se consciência de que o que constitui o mundo não é constante, que aparece e desaparece. Não era como quando ela era ainda uma criança e, sem memória do passado recente, acreditava ainda que nunca crescera e que jamais cresceria.

Um dia, como era costume desde a infância, Caihe entrava em casa da avó com um cesto com comida, quando a viu estendida no chão, imóvel. Apressou-se a chamar Wukong, que carregou a idosa nos seus braços. O senhor Li fez uso de todas as poções, ervas e unguentos que possuía, mas em vão. Resignado, saiu silenciosamente do escritório. Desejava estar sozinho. Também Caihe o desejava, mas o seu estar sozinho era diferente. Sentia a alma tão próxima de Wukong que estar e conversar com ele equivalia a estar consigo mesma, pois os pensamentos deles eram como o céu espelhado no mar. Tal como um mar sem ondas e um céu sem nuvens, também Caihe se sentia como um vazio sem fim. Não dizia uma palavra. E, querendo espelhá-la, também Wukong lhe ofereceu o silêncio. Ficou sentado com ela no jardim da aldeia, mirando o lago durante muito tempo, até Caihe voltar a falar. Nós, pessoas, transitamos de crianças para adultos quando tomamos consciência da morte. As outras bestas são crianças eternas porque, nunca tomando consciência dela, vivem cada dia sem pensarem que um último dia chegará. Limitam-se a procriar para viver. Nós somos diferentes. Procriamos para não morrermos.

Wukong nunca pensara profundamente no futuro. Pensar no passado, que estava já construído, era uma tarefa simples, mas pensar no futuro era mais árduo. Era como jogar-se um jogo cujas regras e objectivos se desconhecem por absoluto. Contudo, Wukong concordava com Caihe. Era um jovem vigoroso e são que acreditava que nunca iria envelhecer nem morrer. Porém, um dia seria um idoso incapacitado do corpo e da mente. Nesse momento, talvez já fosse demasiado tarde para viver. Talvez se arrependesse de tudo o que não fizera durante a juventude. Com tal consciência, Wukong tomou as mãos de Caihe e confessou os sentimentos que há muito fervilhavam dentro de si, o seu desejo de não morrer juntamente com ela, tal como Caihe dissera. Viajaremos no tempo, afirmou Wukong. Não precisamos de planear o destino. Viajaremos inevitavelmente ao encontro do futuro. Podemos unicamente escolher as nossas viagens pelo espaço. Muitos decidem ficar imóveis. Eu viajei durante muito tempo, sem saber ao certo onde chegaria. Hoje, descobri-o. Caihe, vamos caminhar juntos no tempo e no espaço. Seremos dois companheiros nesta viagem incerta, e tantas vezes sem ponto de chegada, que é a vida.

De sorriso amplo no rosto e olhos brilhantes de comoção, Caihe disse que sim e abraçou Wukong com firmeza de modo a não

o largar mais. Nesse dia, perdera uma vida, mas ganhara outra. O balanço mantinha-se. E assim, tal como no céu o sol ia nascendo, as aves migrando e o vento soprando, também na terra a vida seguiu o seu ritmo inelutável.

7.

Quando cresceu, Caihe começou a ser desejada por muitos jovens da aldeia. Com esperança de cativá-la, tentavam dispor as suas capacidades físicas e mentais. Ela, porém, não se sentia cativada. Seduzia-a sobretudo a natureza, como os pássaros migravam, a água fluía rio abaixo, o sol penetrava os céus e as árvores cresciam em direcção a ele.

Era por esse motivo que, de vez em quando, exausta dos olhares indiscretos e palavras planeadas, gostava de fugir. Fugia amiúde para o ventre do bosque, onde também havia um pequeno lago que espelhava o azul do céu. Gostava de descalçar os sapatos, molhar os pés e procurar os peixes que habitavam nas águas translúcidas. Dessa vez, porém, não reparou que não estava sozinha, e que um homem de bigode cerdoso e adaga entre os dentes a observava por entre os arbustos. Não habitava na aldeia. Era um bandido que deambulava unicamente pelo bosque, esperando homens para assaltar e mulheres para estuprar. Silencioso, o homem afastou os galhos dos arbustos e começou a aproximar-se. Virada de costas e chapinhando com os pés na água tépida, Caihe não notou o reflexo dele no lago. Quando o viu, era já tarde demais, pois os braços desconhecidos já a cingiam.

No entanto, continuavam a não estar sozinhos. O homem preparava-se já para arrancar o vestido de Caihe quando, sentindo uma mão poisando na sua, se virou e viu um jovem alto e vigoroso que lhe vedava o sol. Habitado a tais encontros fortuitos, o bandido agarrou na adaga e quis desferir um golpe no adversário, mas a vítima retraiu a cabeça e agarrou nele com maior determinação, arremessando-o com a força dos membros e das costas para dentro do lago. Vamos, incitou o jovem, agarrando a mão de Caihe, que ainda estava confusa. Levou-a por entre os arbustos. Não falaram. Correram, parando apenas quando já estavam na segurança das casas e das pessoas da aldeia.

Caihe mal conseguia respirar. Quando se sentiu mais aliviada, ergueu a cabeça e mirou o jovem que a resgatara. Nunca o vira por ali. Obrigada, agradeceu, prestando reverência. Chamo-me Caihe. Eu... eu chamo-me Wukong, tartamudeou o viajante, tal como se viajasse sozinho há tanto tempo que já nem tivesse a certeza do seu

nome. Nesse momento, ouviu-se o som do seu ventre suplicando por comida, que Wukong tentou calar com as mãos. Tendes fome, perguntou Caihe. Envergonhado, Wukong limitou-se a acenar levemente com a cabeça. Caihe levou-o até sua casa e apresentou-o ao pai, que estranhou ao ver a filha com um desconhecido, mas que, conhecendo o sucedido, não lhe poupou agradecimentos. Estando mais tranquilo, o senhor Li mandou preparar comida e bebida e ofereceu uma tarimba para Wukong repousar. O senhor Li pensava que aquele era apenas um ponto de passagem para o viajante, que a sua estadia seria provisória. Wukong, porém, ficou-se na aldeia. Pareceu afeiçoar-se às pessoas, que rapidamente viram nele não apenas o herói improvável de um momento singular, mas alguém de uma bondade constante. Wukong brincava com as crianças e educava-as, auxiliava os homens a construir e a reparar casas, as mulheres a semear os campos e a colher o fruto deles, e os idosos que já não conseguiam andar, entre eles a avó de Caihe, emprestando-lhes os braços e acompanhando-os nas noites de solidão.

Para Caihe, as palavras e acções de Wukong pareciam naturais como o sol. Encontrara alguém cuja companhia prezava. E Wukong acompanhava-a também a ela. Gostavam de ir ao jardim da aldeia, de se sentarem na borda do lago, atirando pequenos seixos que ressaltassem na superfície das águas. Caihe queria saber sobre o passado dele. Quem era, de onde vinha, para onde tencionava ir. Fazia-lhe muitas perguntas. No entanto, apesar da sabedoria e maturidade, Wukong permanecia silencioso, tal como se não possuísse um passado, como se tivesse nascido já adulto. Ele retribuía as perguntas a Caihe e ela, mais eloquente, contava-lhe as memórias do seu ainda curto passado, a normalidade do presente e as apreensões de um futuro ainda por descobrir.

Ao longo da história, Caihe falou de várias pessoas, mencionando também Tieguai. O que sentíeis em relação a ele, perguntou Wukong, interrompendo-a. Nada, respondeu Caihe. Pena, talvez. Com a minha avó, descobri o que é ser-se velho do corpo. Com o senhor Tieguai, aprendi o que é ser-se velho da mente. E se ele fosse mais novo, insistiu Wukong. Não sei. Não consigo imaginá-lo. Espero nunca ser velha. Nunca o sereis, garantiu Wukong, sorrindo com uma expressão devaneadora.

8.

Os aldeões procuraram Lan Tieguai nas profundezas do bosque, mas nunca o encontraram. Ninguém acreditava que ele tivesse logrado chegar a lado algum. O bosque era demasiado denso

para um corpo já débil e mesquinho. Tieguai encontrara decerto o castigo da natureza, fora comido, primeiro pelos bichos, depois pela terra.

Foi por um curto período que o nome e a memória das acções de Tieguai restaram vivos no pensamento dos conterrâneos, mas como ele era uma alma ambígua, testemunha das perversidades que o tempo poderia causar no espírito humano, transformando pessoas em bestas, decidiu-se que o mais sensato era deixá-lo cair no esquecimento. Como as pessoas apenas morrem quando já não são mais lembradas, no dia em que Caihe se deitou e adormeceu com o último pensamento de Tieguai na sua mente, ele morreu verdadeiramente.

9.

Tieguai temeu que o sol fosse mais rápido, que conseguisse despontar antes da fuga. Porém, quando as casas começaram a escassear e Tieguai penetrou no bosque profundo, ainda não amanhecera. A natureza jamais lhe parecera tão medonha. O chão que pisava picava-o, causava-lhe comichão, respigava. Os espinhos das plantas dilaceravam-lhe a pele. À sua volta, os galhos das árvores desenhavam sombras fantasmagóricas contra o pano da noite. Por entre as folhas, ouviam-se sons diferentes, talvez de pássaros, talvez de criaturas que Tieguai nunca vira nem imaginara. Nunca lograrei chegar a bom porto com vida, pensou. Serei consumido pelo bosque e o meu corpo será esquecido e consumido pela terra. Na vida, nada acontece por acaso, disse o Buda. O mar reflecte o céu. As montanhas devolvem o eco das palavras. Com o tempo, as acções que fazemos também nos serão devolvidas.

Perdendo a consciência do tempo de fuga, Tieguai pensou que, mais tarde ou mais cedo, seria apanhado pela morte ou pelos aldeões. O bosque, porém, era imenso. Por vezes, subindo ao topo de uma montanha, Tieguai era capaz de vislumbrar o infinito através de uma fresta por entre as árvores. Esperava ver sinal humano, uma nuvem de fumo, telhados das casas de outra aldeia, mas via apenas montanhas vestidas de árvores até ao horizonte. As pernas já lhe causavam uma dor intolerável, mas a respiração teimava em entrar-lhe e sair-lhe dos pulmões.

Sem saber que caminho tomar, Tieguai sentou-se no topo de uma pedra. Sentia-se prestes a desistir. Pensava que fugir era uma virtude, um sinal que lhe dizia que estava vivo e insatisfeito, que almejava a mais. No entanto, só vale a pena fugir quando se sabe para onde se foge e não apenas quando se sabe do que se foge e se

erra sem destino. Vou ficar aqui, pensou. Vou ficar sentado nesta pedra e esperar que a morte ou as pessoas da aldeia me encontrem.

O dia passou vagarosamente. Tieguai acompanhou o movimento do sol por entre as folhas das árvores e dos bandos de pássaros que sabiam do que e para onde fugiam. A noite começava a cair. Além do cansaço, Tieguai sentia fome e sede. Subitamente, quando já estava quase a adormecer, ouviu um murmurhar de folhas. Não era o vento. Era uma forma de vida, talvez um bicho do bosque. Tieguai virou-se, na esperança de ver algum animal que pudesse tentar apanhar com as parcas forças que lhe restavam. No passado, apanhara homens desprevenidos. Agora, não sabia se seria sequer capaz de apanhar um coelho. Porém, não era um coelho. Era um homem, talvez oriundo da aldeia e preparado para arrastar Tieguai de volta para ser julgado e executado na praça pública. No entanto, quando o estranho se aproximou, curioso, Tieguai percebeu que nunca o vira. Não era sequer um jovem vigoroso. Era um idoso, tal como ele próprio.

Por acaso não haveis visto uma criança a passar por aqui, perguntou o recém-chegado, dispensando cumprimentos, limitando-se a aproximar-se e a sentar-se junto de Tieguai. Uma criança, sozinha, aqui no meio do bosque e ao abrir da noite, pensou Tieguai. Não vi, respondeu. Desapontado, o homem suspirou. Chamo-me Guolao, disse. Zhong Guolao. Procuo o meu filho. Chama-se Gong. E vós, o que fazeis aqui no meio do bosque? Não sei, respondeu Tieguai. Nada. Não procuro nada. Limito-me a fugir. Na minha vida, peregrinei já às montanhas sagradas do budismo e do taoísmo, mas eis que agora desconheço para onde vou. Também eu já percorri as montanhas sagradas em busca do meu filho, afirmou Guolao. Mais, até. Se vos contasse, decerto que não acreditaríeis, mas eis que é uma longa história, imprópria para dois idosos que se encontram por coincidência no meio do bosque. Pois bem, retrucou Tieguai. A minha história não é assim tão longa. Grande parte da minha vida foi apenas permeada de vazio, assim como o céu. Preencheu-se apenas nas últimas semanas.

Tieguai contou a sua história até ao momento em que se sentara naquela pedra. Sentiu talvez a esperança de que, sabendo que alguém o ouvia, conseguiria amainar um pouco a sua dor. No final do relato, com uma mão poisada no queixo, Guolao parecia pensar profundamente. Em que pensais, questionou Tieguai. Verdadeiramente, se soubésseis quais os locais que já calcorreei e todas as maravilhas que presenciei, achá-lo-íeis impossível e perguntar-me-íeis se vivi apenas uma ou incontáveis vidas, respondeu. Acontece que, numa das minhas viagens por entre

montanhas e bosques sagrados, ouvi falar de um lago com uma cascata que, conta-se, tem a magia de reestabelecer a juventude de quem nele se banhar.

Tieguai, a quem o avanço da idade já esvaziara a esperança em feitiços, riu a bel-prazer. Um lago da juventude, repetiu. Então porque é que sois um velho como eu? Por que razão não haveis buscado esse lago encantado e não vos haveis banhado nele, para novamente terdes ossos rijos e músculos sadios? Como vos disse, vivi unicamente uma mas também muitas vidas e, depois de muitas visões, sons e sentimentos, os olhos, os ouvidos e o coração ficam exaustos, imploram por um momento de repouso, respondeu Guolao sem hesitação, como se já tivesse respondido àquela questão incontáveis vezes. Eis que os meus olhos já viram muitas paisagens, os meus ouvidos já ouviram muitas vozes e o meu coração já experienciou um turbilhão de sentimentos. Por esse motivo, procuro também o meu descanso.

Guolao ergueu-se. Continuará a sua jornada. Tieguai não sabia se deveria confiar nele. Talvez fosse um vigarista. Muitos costumavam andar pelo bosque ou pelos pântanos, assaltando viajantes perdidos como ele e estuprando mulheres indefesas, tal como aquele que mais tarde encontraria Caihe sozinha. No entanto, o desejo de atingir algo aparentemente inalcançável, uma fantasia há muito cobiçada por qualquer um, desde os mais desprezíveis comerciantes aos imperadores e letrados da nação, era superior a qualquer medo. Antes que Guolao desaparecesse para sempre no negro ventre do bosque, Tieguai ergueu um braço e chamou-o novamente.

10.

Um homem cambaleante saiu de casa para ir beber e jogar à taverna. Não levava dinheiro para apostar. Levava uma espada. Caminhou como a morte pelas sombras nocturnas, ele próprio feito sombra, sem cor nem definição, para não ser reconhecido. Conhecia a casa de Tieguai. Sabia que ele estava lá dentro, dormindo um sono pacato. Como ainda era um jovem, o homem saltou clandestinamente o muro que Tieguai edificara, pisou a horta e depois, não encontrando porta aberta, entrou por uma janela. Com a idade que tem, o velho não ouvirá os cacos de vidro caindo pelo chão, pensou, mas equivocou-se.

Tieguai acordou com o som de vidros a partirem-se. Sentando-se rapidamente na cama, perguntou à noite vazia, Quem está aí? Não obtendo resposta, esperou. Ouviu o aproximar de passos e

viu o contorno de uma sombra desenhando-se contra as paredes brancas. Convencido de que era a morte que finalmente o levava, Tieguai manteve-se inerte e aceitou passivamente o seu destino. No entanto, quando viu a sombra erguendo uma espada, duvidou. A morte não precisa de espadas, pensou. Os últimos fôlegos de Tieguai seriam usados para erguer o corpo e agarrar numa outra espada que pendurara por cima da cama.

As duas sombras avançaram cautelosamente nas trevas, esperando o momento certo de atacar. Foi o clandestino quem atacou primeiro e, num instinto primitivo, Tieguai cerrou os olhos e defendeu-se. Quando teve coragem de abrir as pálpebras, viu que a sombra já não estava diante de si, mas deitada no chão, inerte.

Matei um homem, pensou Tieguai, estremeçando. Talvez ainda possua algum do esforço bélico com que fui agraciado na juventude. Impotente, Tieguai ajoelhou-se e chorou. Acabara com uma vida, uma história inacabada. Os anciões da aldeia não teriam reservas em encarcerá-lo e executá-lo em público. Possivelmente, até Bajie se viraria contra si. Nunca mais voltaria a casa, às muralhas que edificara. Partiria e, tal como nos últimos tempos começara a deixar um pouco de si para trás, agora deixaria também parte do que construía.

II.

Tieguai tentava adormecer. Já não era uma criança. Tinha ideias fixas não só sobre o mundo à sua volta, mas também sobre si próprio, como desejava que as pessoas à sua volta tivessem. Desde cedo, sabemos muito bem quem somos ou quem desejamos ser, pensou. O objectivo da vida consiste em tentarmos provar aos outros que o somos realmente. Durante muito tempo, na plenitude das suas capacidades físicas e intelectuais, os jovens costumam conseguir perseguir tal objectivo. Mais tarde, porém, é necessário grande esforço. Para se firmar a reputação de uma pessoa, é preciso matarem-se dezenas ou centenas de inimigos, mas para se firmar a sua ruína basta matar-se um aliado. Matar é fácil. Basta ter-se mais força do que o adversário. Matar nada possui de ilustre ou de solene. Mais difícil do que tirar uma vida, é concebê-la. É preciso esperar meses, alimentar o ventre e, mesmo depois de já ver a luz do dia, nada garante que a morte não esteja vizinha. É preciso usar a claridade dos olhos e a solidez dos braços para que se proteja uma nova vida, ensiná-la a percorrer o seu caminho. Porém, embora se coroem heróis que muitas vidas furtaram, nunca vi alguém enaltecendo quem tenha dado à luz uma vida. Antes pelo contrário.

Quando Tieguai acordou, o mundo era o mesmo. Como todos os dias, o sol nasceu no horizonte e iniciou a sua jornada pelo périplo do céu. Quando saiu à rua, Tieguai percebeu que eram as pessoas que estavam diferentes. Embora procurassem insistentemente a imortalidade, eram as criaturas mais inconstantes. Bastava-lhes uma ideia e, contrariamente ao sol, recusavam-se a erguer-se e a iniciar a sua jornada. Tieguai era velho, mas lúcido. Os seus olhos ainda viam e a sua mente ainda ponderava. No caminho até ao parque, viu que todos o olhavam de soslaio, estugando depois o passo ou virando as costas para fugirem na direcção contrária àquela de que tinham vindo.

Nas tavernas, os homens trocavam opiniões. Tieguai era velho, pertença de uma geração passada. O verdadeiro Tieguai, o herói da guerra, partira há muito e dele não sobrara nem uma estátua. Sobrara apenas aquele corpo decrépito. Talvez a própria memória, a única prova concreta que restava, fosse uma mentira, um sonho que ele tivesse confundido com a realidade, uma vez que a linha entre a imaginação e a realidade era cada vez mais ténue.

E se for verdade que ele foi um herói forte e valoroso e ainda lhe sobrar algum laivo escondido dessa força e desse valor, discutia-se. E se ele tomar inadvertidamente alguma das nossas filhas e as emprenhar? Daqui a uns dias, semanas ou meses, falecerá, deixará as crianças órfãs, filhas apenas da própria vergonha. Oxalá os deuses sejam justos e lhe terminem a vida rapidamente. A justiça é uma invenção humana que os deuses ainda não aprenderam, que tem de ser feita pelas próprias mãos do homem, disse uma voz ébria por entre o fumo dos cigarros. Talvez, no passado, Tieguai tenha sido um homem íntegro e tenha sido graças a ele que agora podemos chamar esta aldeia de nossa. Nos últimos anos, foi um ancião digno. Tomou decisões afoitas e conciliou os conflitos mais gravosos. O seu tempo, porém, já passou. Os deuses, falíveis na justiça, falharam também na memória e esqueceram-no aqui na terra.

Bajie, o segundo homem mais velho da aldeia, contando perto de oitenta anos, sentou-se com Tieguai num banco do parque. Ouvira também os rumores. Dizei-me, Bajie, também vós acreditais no que dizem sobre mim, perguntou Tieguai. Acreditais que os anos me traíram, me transformaram numa sombra de mim próprio? Dantes, quando estava no ventre da minha mãe, não possuía sombra, apenas corpo. Agora, parece que já nem tenho corpo, que me resta somente a sombra. Bajie, que também já vivera o suficiente para pensar com nitidez, replicou, A distância entre sentimentos contraditórios é mais curta do que um fio de seda. É fácil confundir-se a paixão com a perversão. Basta inventarem-se regras, definir-se quem podemos

O HOMEM QUE VIAJAVA NO TEMPO

3.

Guojiu e Dongbin conheceram-se no meio do deserto. Corria então a guerra contra os estrangeiros que habitavam no outro lado da grande muralha. Guojiu observava os inimigos montados a cavalo, quando foi atingido por uma flecha no ombro, caindo muralha abaixo. Por momentos, contorceu-se no chão de olhos fechados, massajando a parte do corpo ferida e procurando olvidar a dor. Não fora talhado para a guerra. Nunca matara ninguém. Nunca quisera matar ninguém. Sempre trabalhara no campo e cuidara da família. Não era como o seu comandante, Lan Tieguai, capaz de se defender das mais veementes investidas e de arrebatar o inimigo a sangue-frio.

Quando abriu os olhos, Guojiu viu que uma sombra lhe obstruía o sol. Nunca vira aquele homem, Dongbin, que, trajado com a vestimenta militar manchada de poeira e sangue, parecia aterrador, mas que lhe sorria com tranquilidade. Dongbin ajudou Guojiu a levantar-se, levando-o pelo ombro até à enfermaria, onde um terapeuta lhe preparou um curativo com ervas e lhe enfaixou a ferida.

Obrigado, agradeceu Guojiu a Dongbin, que não se fora embora, mas continuava ali, sentado junto da tarimba do ferido. Embora Guojiu o desconhecesse, Dongbin fizera uma longa viagem para estarem os dois juntos. Neste local, é difícil encontrar compaixão, prosseguiu Guojiu. As pessoas têm prioridades. Quando vivem na paz e o mal não é necessário, não têm reservas em mostrá-la. Todavia, quando vivem na guerra, têm de deixar a compaixão de lado e revelar a besta dentro delas. Apesar de tudo, quando regressar a casa, hei-de lembrar-me mais de vós e do gesto que haveis tido comigo do que de todos os nossos conterrâneos que vi matando e dos inimigos que vi mortos. As acções são como as cores, disse Dongbin. Não existem isoladas. Têm um pano de fundo. Tal como uma mancha

vermelha parece mais viva num fundo azul, também uma acção indulgente parece mais indulgente contra um fundo de guerra.

Guojiu sentia-se satisfeito por ter alguém com quem falar sobre a vida e não sobre a morte. Quando por vezes, à noite, o exército se juntava para beber e tentar esquecer a realidade circundante, Tieguai falava apenas das possíveis novas investidas do inimigo e de como os soldados poderiam travá-las. Guojiu, porém, pensava num futuro mais distante e incerto, o momento em que regressaria a casa para cuidar novamente do campo e da família. O momento de ver o seu filho nascendo ou já nascido. Nos últimos tempos, não tivera ninguém com quem falar sobre esse desejo. No fundo, sentia-se satisfeito com a lesão. Magoara o corpo, mas pelo menos poderia repousar o espírito.

Não sei se um dia voltarei a casa, asseverou Guojiu. Sempre que me deito para dormir, consigo apenas relembrar o rosto de homens hirsutos e de dentes cariados. Tenho medo de esquecer o rosto de Wangmu. Vede. Guojiu levou uma mão ao interior da sua armadura, de onde tirou um papel dobrado. Quando o abriu, Dongbin viu que era o desenho amarrotado de uma mulher, desenho que, apesar do valor afectivo, Guojiu levava sempre consigo para o campo de batalha, para se convencer a si mesmo que Wangmu não estava longe, que batalhava e se defendia ao seu lado. Antigamente, nunca me interessava por gravuras, confessou Guojiu. Não tinha necessidade delas. A realidade bastava-me. Agora, quando não tenho de guerrear, sento-me e desenho. Desenhar é relembrar e tentar reproduzir cada ponto, cada linha, cada sombra. Assim, não correrei o risco de esquecer o passado. Guojiu estendeu o desenho para Dongbin, que o tomou e tentou alisar. Poucos dias antes de terem interrompido o meu trabalho no campo e de me terem obrigado a participar na guerra, contou-me que ia ser pai. Fui enviado para o deserto para matar e ela ficou no campo a dar vida. Dongbin agarrou no papel e observou o rosto jovem da mãe, um rosto jovial que já esquecera e desaparecera há muito tempo, sendo substituído por um rosto envelhecido, engelhado, um rosto que Guojiu jamais conheceria.

E vós, senhor Dongbin, de onde vindes? Já sois casado? Tendes filhos? Guojiu percebeu que Dongbin dava mais relevância ao escudo do que à espada. Dentro do escudo, Dongbin guardava religiosamente o relógio de madeira, que encaixava perfeitamente na forma do escudo. A espada permitia-lhe viver no presente, mas o relógio deixava-o viver no passado e no futuro. Guojiu pensou que talvez o relógio fosse também uma relíquia do passado, algo que o auxiliasse a preservar as memórias, tal como a sua gravura.

Dongbin fabulou um local de origem, uma aldeia imaginária no meio de montanhas fictícias. Seria inverosímil se dissesse que

O HOMEM QUE VIVEU PARA SEMPRE



1.

desejando secretamente que o tempo não avançasse mais, que se detivesse para sempre nesse momento sagrado, palavras que Zhong Guolao contaria mais tarde a John Kelley, embora soubesse que esse momento era curto, que nunca mais se repetiria, mesmo que, antes desse dia, nunca tivesse sido pai, e era verdade que, mais tarde, poderia sê-lo muitas vezes, mas nunca mais o seria pela primeira vez, era portanto como o seu próprio nascimento, o momento mais importante da sua vida, pois sem ele nunca poderia existir nenhum outro momento, mas é ironia do destino que ninguém lembre esse momento primordial e talvez por isso tenhamos pudor dele, apesar da sua naturalidade, e é também por isso que jamais o mostramos, como Guolao, que já vira muitas pessoas nascidas e ouvira falar de outras que tinham nascido, mas jamais vira alguém nascer, como nesse momento em que viu o nascimento da filha, metade dele, e o perpetuou na sua memória, perguntando-se a si mesmo

o que estará na mente dela, enquanto lhe mirava os olhos lacrimosos, pois Guolao esquecerá os seus primeiros pensamentos, pelo que acreditava que também a mente da filha deveria ser branca e limpa como uma tela acabada de coser, e não como a mente de um

ancião, rabiscada diversas vezes a ponto de já não retratar nada, mas Guolao gostava da simplicidade do vazio e, como um céu sem nuvens ou uma montanha coberta de neve, pensava que o ser humano crescera muito, uma vez que, nos últimos milénios, construía cidades para a terra e estátuas do Buda e dos bodhisattvas para os céus, pensando talvez que um dia encontraria a beleza e o conforto na largura ou na altura, na mera quantidade, embora, apesar dos esforços contínuos, o ser humano ainda não tivesse logrado criar nada mais belo do que o vazio e o silêncio,

e após esse primeiro momento de intimidade, a ainda anónima recém-nascida foi devolvida aos braços de Nüwa, sua mãe, que, exausta do parto, estava deitada na cama escura, rodeada pela parteira e pelo próprio sangue, e Guolao conhecia a futilidade da impaciência, sabia que as pessoas não vivem tanto tempo como as pedras, que se cansam mais depressa do que elas, pelo que, tal como a filha lhe elucidara nesse dia como era nascer, nos dias seguintes mostrar-lhe-ia e reensinar-lhe-ia momentos que Guolao já esquecera, momentos que mais ninguém poderia mostrar-lhe ou reensinar-lhe, por isso era a criança quem tinha a vantagem, já que, dali por alguns anos, seria o pai quem lhe ensinaria como pescar peixes no mar, como caçar animais no bosque, como semear os campos, como prever o clima e as estações, como construir uma casa, não obstante o facto de nenhum desses conhecimentos ser como o nascimento, já que qualquer pessoa sadia poderia ensinar-lho, alguns decerto mais qualificados do que Guolao, que jamais se destacara por talento algum, mas Guolao sabia que não havia ninguém mais qualificado do que a filha para lhe ensinar sobre o nascimento, mesmo que, quando crescesse e a sua mente se enchesse de riscos e rabiscos, ela viesse a tornar-se numa mulher sem escrúpulos,

2.

e todos sabemos que um nome não quer dizer nada, que não prevê um futuro, mas Guolao deu à sua filha o nome de Liquan e, desde cedo, decidiu devotar-lhe a vida, como se ela não se tivesse escapulado do ventre de Nüwa para se tornar numa alma independente, mas continuasse aprisionada ao corpo do pai, pelo que, quando Liquan ainda não sabia andar, Guolao levava-a no regaço e depois, quando ela já andava com firmeza, continuava sem desviar a vista dela e, como por vezes a vista era fraca e Guolao sentia necessidade de pestanejar, preferia até andar perpetuamente de mão dada com ela e, durante a noite, quando Liquan dormia num berço ao lado da cama dos pais, Guolao acordava várias vezes

e olhava para o interior do berço para se assegurar de que a filha dormia sossegadamente, e não era atormentada por pesadelos,

mas Nüwa achava que a proximidade entre o marido e a filha era desmesurada, embora amasse Liquan do mesmo modo que amava Guolao, motivo pelo qual lhe dizia que os deuses são eternos e, se tivermos fé, eles caminharão sempre connosco de mão dada e verão sempre se dormimos repousadamente à noite, mas os pais são transitórios, um dia partirão e deixarão os filhos para trás e a função de um pai não é apenas ensinar um filho a conhecer a felicidade, mas também prepará-lo para a infelicidade, ou, por outras palavras, Nüwa defendia que, à medida que fosse crescendo, Liquan deveria habituar-se a dormir num outro quarto e a sair sozinha, sem a vigia permanente dos pais, porque, de outra forma, se um dia Guolao e Nüwa não pudessem caminhar mais com ela, ela não lograria dormir à noite nem sair à rua durante o dia sem dar a mão a alguém, mesmo que a um desconhecido

e Guolao sabia que Nüwa dizia a verdade, mas essa era uma verdade que o entristecia, pelo que pensava longamente que, por mais que tentemos procurar companhia, só há uma pessoa que nos acompanhará perpetuamente do berço ao caixão, nós mesmos e, além de nós, não há pai, filho nem divindade que alguma vez esteja tão próxima de nós como nós próprios, mesmo quando dois corpos se tocam intimamente, como naquela noite em que os de Guolao e de Nüwa se tocaram e Liquan começou a nascer devagar, estando as almas dos amantes ainda muito afastadas, apartadas uma da outra pelos ossos como as estrelas estão apartadas pelo éter,

mas apesar dessa tristeza, Guolao aceitou a sugestão de Nüwa e deixou que Liquan dormisse num outro quarto e saísse sozinha, atravessasse a aldeia, brincasse com as outras crianças ou pescasse sozinha no mar, só que, ainda assim, se ouvisse algum barulho estranho à noite, o vento a soprar, um pássaro a cantar, ou se Liquan se atrasasse no regresso a casa, Guolao conjecturava os mais perversos cenários, confundia o vento e o canto dos pássaros com gritos e gemidos infantis, confundia a ausência, não com os desejos rebeldes de uma alma jovem, mas com o perigo e a catástrofe, levantava-se repentinamente e corria ao quarto para acordar Liquan, que afinal estava adormecida, ou saía para procurá-la nas ruas da aldeia ou junto ao mar, mas jamais a encontrava em lado algum e, procurando até aos confins da noite, por vezes submetendo-se à chuva e à lama, voltava a casa encharcado e sujo para encontrar Liquan já deitada na segurança do leito,

e deste modo, se no princípio a mente vazia de Liquan trouxera conforto a Guolao e o fizera rejuvenescer, agora ele sentia

que envelhecia rapidamente, pois a mente jovem e curiosa da filha levava-a a querer viver e explorar, criando uma constante fonte de preocupação para Guolao, que ouvia da boca de Nüwa que Liqan crescia forte e saudável, que fora no dia anterior uma criança inconsciente dormindo no regaço dos pais, ainda sem conseguir andar, e dali por pouco tempo já nem sequer precisaria deles para os desafios mais provocadores da vida, quem sabe, seriam até os pais quem precisariam dela, mas a verdade é que Nüwa dizia estas palavras não por desespero, mas por esperança, pois, como tanto ela como Guolao eram ainda jovens, talvez fosse altura de terem um segundo filho

3.

e Guolao pensou que era uma ideia ajuizada, que, tendo um segundo, um terceiro, ou mais filhos, poderia replicar eternamente esse sentimento de vazio, de proximidade, de presença, mas enganava-se a si mesmo, pois, quando Gong nasceu, logo após se ter escapulado do ventre que o protegeu durante meses e ser poisado nos seus braços, Guolao não sentiu qualquer entusiasmo, mas apenas uma profunda indiferença, talvez até alguma aversão por ouvir aquela voz estridente e sentir aquele corpo estrebuchante nas mãos, pelo que, a partir desse momento, o espírito silencioso de Guolao decidiu que jamais amaria aquele filho, que ele não seria apenas segundo, mas também secundário,

embora, no fundo, Guolao soubesse que não havia quaisquer motivos para amar Liqan incondicionalmente e sentir indiferença e aversão por Gong, uma vez que, ambos acabados de nascer, eram em tudo semelhantes, tinham o mesmo vazio na cabeça, choravam e estrebuchavam da mesma forma, a culpa de Liqan ter nascido primeiro e Gong depois era unicamente fruto da ventura,

mas nos primeiros anos, como Gong era uma simples criança de mente vaga, a indiferença e a aversão do pai não o afectaram, pois o ser humano apenas precisa do amor alheio quando se torna consciente, quando a mente começa a ser preenchida por ideias, pelo que foi só quando Gong começou a aperceber-se da regularidade do tempo, do espaço e da consciência, o contínuo a que as pessoas chamam de história, universo e ego, teve noção da predilecção do pai pela irmã, ainda que, por pressão de Nüwa e pelo dever social em cujos moldes fora educado, Guolao levasse sempre os filhos a pescar consigo no mar, a caçar no bosque, a conhecer as árvores e flores, a olhar para as nuvens e a construir uma casa na árvore, mas Liqan possuía sempre vantagem, pois, por um lado, caso ela estivesse

entusiasmada, Guolao pedia a Gong para deixar Liquan fazer tudo sozinha, mas, caso ela se sentisse entediada, caso visse as actividades como um trabalho e não como uma diversão, era Gong quem tinha de fazer todo o trabalho, como um escravo e, do mesmo modo, se Liquan caísse dentro do mar ou de um ramo de uma árvore, caso se magoasse com a ponta da lança, Guolao acorria até junto dela, massajava-lhe os membros magoados, sarava-lhe as feridas com saliva, mas se fosse Gong quem se magoava, Guolao ordenava-lhe que não fosse assim pusilânime e que aprendesse a suportar a dor,

mas apesar dos privilégios, Liquan era boa rapariga, vigorosa, saudável, de bom coração e, muitas vezes, era ela quem auxiliava Gong, contradizendo Guolao, dizendo-lhe que ambos deveriam ter as mesmas liberdades e proibições, argumentando que um pai é como um rei ou um deus, que tem de manter os súbditos satisfeitos, fazê-los acreditar que todos são igualmente amados e respeitados, senão os súbditos rebelam-se, mas, mesmo estas acções caridosas criavam profundas diferenças, já que Guolao saudava sempre a filha e gabava-a junto de familiares, amigos e conterrâneos, enaltecendo como, sendo tão jovem, estando numa idade em que as crianças tendem a ser egocêntricas e gananciosas, possuía já o coração amestrado de uma adulta, um coração puro e genuíno

e essas palavras causavam dor na alma de Gong, que abominava o comportamento do pai, embora amasse a irmã, e, na maioria das vezes, o ciúme sobrepunha-se ao amor, levando a que, no silêncio da noite, quando já estavam deitados para dormir, Gong olhasse para a irmã durante muito tempo, lamentando não ter sido ele o primogénito e ela a segunda a nascer, a secundária, pois talvez bastasse isso para amainar o ódio que carregava dentro de si, só que, do modo como a realidade se desenrolara, uma parte secreta da sua alma ambicionava que Liquan morresse, que se afogasse no mar, que fosse atacada por um animal selvagem, que caísse do ramo mais alto de uma árvore, mas tal esperança afigurava-se-lhe inconcebível, uma vez que Liquan era religiosamente protegida, tendo ainda uma pele pristina, não carregando uma única ferida do presente nem cicatriz do passado, ao contrário de Gong, que já tinha as mãos lascadas e a pele do rosto queimada devido aos trabalhos que era compelido a fazer,

4.

acontece que, um dia, a faceta mais sombria de Gong emergiu, pois começava a atingir a idade em que, tal como o seu corpo já se separara definitivamente do dos seus pais, também o espírito

começava a desejar apartar-se, do mesmo modo que em tempos Liquan começara a dormir num quarto separado e a andar sozinha pelas ruas, se bem que Gong sabia que nunca teria os mesmos direitos que a irmã, que lhe seria impossível alcançar essa liberdade, e, atenta aos sentimentos alheios, também Liquan se apercebeu de tal anseio, pelo que, no dia em que o irmão perfez sete anos, ofereceu-lhe um presente que se aproximasse dessa sua vontade, acordariam cedo, antes da alvorada, antes de os pais acordarem, sairiam de casa e, durante um dia, seriam completamente livres, regressando somente após o crepúsculo,

ideia com que Gong concordou, levando-o a, durante momentos, esquecer a parte de si que odiava Liquan, com quem saiu de casa, ambos munidos com canas de pesca, lanças, materiais de construção, ainda a lua branca se via perfeitamente contra o céu negro, e, no início, conhecendo a força e sapiência dos adultos, Gong sentiu temor, que o levou a ouvir ruídos por entre os arbustos, a olhar muitas vezes para trás, sempre prevenido que Guolao lhes adivinhara a fuga e os observava e perseguia como um deus vingador, porém, à medida que o dia se estendeu, Gong percebeu que esses barulhos e medos eram apenas os pássaros, o vento, a imaginação, esquecendo-os rapidamente e começando a divertir-se com Liquan, com quem trabalhava em equipa, apanhando mais peixes e mais coelhos do que o costume, quando rivalizavam, razão pela qual Gong pensou que nunca antes fora tão feliz, sentindo até que não desejava mais a morte da irmã, preferindo talvez a morte do pai, para que pudessem nova e eternamente viver dias como aquele,

e, como a recreação era maior, também o tempo se consumiu mais ligeiro, pois apesar de parecer que ainda não se esgotara o dia, um fio de noite começava a surgir no horizonte, pelo que, quando Liquan e Gong estavam sentados no topo de um monte, observando o sol longínquo a ser tragado pela terra, pensando no futuro, Gong sentiu uma tristeza assoladora e desejou que aquele célere dia não findasse mais, uma vez que dali por pouco tempo teriam de voltar para casa, para o controlo de Guolao, e desejo também que tivesse coragem para se virar para Liquan e lhe pedir que abalasse e não regressassem nunca mais a casa,

mas Gong não teve tempo de falar, Liquan agarrou no saco do peixe e nos coelhos mortos e, encardida e exausta, começou a caminhar de volta para casa, primeiro imperturbada, mas depois mais irrequieta, já que, chegados ao caminho principal que entrava aldeia dentro, começaram a ouvir o som de cavalos e viram um grupo de homens liderado por Guolao, o qual vendo os irmãos indefesos, puxou as rédeas do seu cavalo, saltou para o chão, com

os olhos cintilando de temor e raiva, e, aproximando-se dos filhos ao trocar olhares silenciosos com Gong, lhe desferiu um golpe certeiro no rosto, arremessando-o para trás e deitando-o ao chão com a força do impacto, embora Gong se tenha levantado com as próprias forças e tenha levado uma mão aos lábios para ver que dela escorria um fio de sangue, altura em que o pai voltou a aproximar-se para dar sequência ao castigo, sendo apenas impedido por Liquan, que lhe puxou as vestes e lhe implorou que não agredisse mais o irmão, confessando que a ideia e a culpa de terem fugido eram exclusivamente dela, mas Guolao, pensando que a filha lhe mentia para segurança de Gong, respondeu-lhe que ela não precisava de defendê-lo, que a justiça era uma virtude superior à bondade,

e, enquanto Liquan tentava convencer o pai, Gong observava-os de esquelha, percebendo subitamente que aquele dia, não, que toda a sua vida até então fora uma mentira, pelo que, com o ciúme flagelando-lhe o espírito, levantou-se e, incapaz de apaziguar a cólera no pai, empurrou Liquan, caindo-lhe em cima e começando a esmurrá-la, tendo ainda tempo de desferir vários golpes certos, até Guolao lhe tomar os braços e o atirar para longe, bradando que bastava de humilhações, bastava que Gong envergonhasse a digna família diante de todas aquelas pessoas, aldeões a quem Guolao implorara auxílio, sendo que um deles lhe deu umas algemas de ferro e uma corrente, com as quais Guolao imobilizou as mãos e os braços do filho, colocando-o depois em cima do cavalo e regressando a casa,

onde, já sozinhos, Guolao levou os filhos para uma divisão inutilizada, a despensa onde se soía armazenar os cereais para o Inverno e, apesar dos pedidos de Nüwa, que exortou Guolao a não ser duro com Gong, ainda para mais sendo o seu aniversário, Guolao desalgemou-o, desacorrentou-o e depois sentou-se em cima de uma meda de palha, passando uma vara de marmeleiro para as mãos de Liquan, a quem disse que, como o irmão lhe batera, como forma de vingança e punição, o molestasse também,

mas as mãos de Liquan tremiam de pavor, pelo que, passados momentos de incerteza, ela devolveu o pau a Guolao, reiterando que era ela que deveria ser punida, pois fora ela quem quisera fazer uma surpresa ao irmão e, sem querer, o deixara mais infeliz, e, ouvindo estas palavras, Guolao desejou manter-se fiel ao discurso de que a justiça era superior à bondade, pelo que ergueu a arma, mas não conseguiu voltar a baixá-la, pois não teve coragem de contrariar a filha mais estimada, e, envergonhado com a sua própria injustiça, atirou o pau para o chão e saiu do quarto sem mais palavras,

5.

e então, esse dia, o dia em que Gong fizera sete anos, não seria desmemoriado, pois fora nele que Gong percebera que não havia antídoto para a sua condição, que nunca deveria ter pertencido àquela família, uma vez que, antes da sua chegada, esta parecera uma família una e coesa, mas ele desestabilizara-a, fizera de Guolao um homem impetuoso, fizera Nüwa viver permanentemente inquieta com os ataques de violência do marido e fizera Liqun sentir-se desalegre com a injustiça do mundo, motivo que o levava a pensar que, caso tornasse a não existir, a família reconquistaria essa harmonia extraviada, o que implicava que Guolao voltaria a ser o homem de família afectuoso de quem ele sempre ouvira falar, que Nüwa não seria mais afligida pela inquietude e que Liqun poderia crescer saudável de corpo e de espírito,

mas também Guolao, não querendo voltar a incorrer na injustiça, mudou de comportamento e, como nunca se atreveu a bater na filha mais velha, começou simplesmente a ignorar o mais novo, levando apenas Liqun para o mar e para o bosque e evitando cruzar-se com Gong em sua casa e nas ruas, pois esperava secretamente que ele crescesse rapidamente, se casasse e desaparecesse da sua vida, só que, sensível como sempre fora, Liqun apercebia-se desta divisão, a tristeza permanente de Gong e a falsa alegria que Guolao tentava criar, mas a verdade é que ela era apenas uma jovem de catorze anos, sem idade para se casar e tomar as rédeas do próprio destino, pelo que parecia que a família incorria num beco sem saída,

grande foi o alívio de Liqun ao ver que o dia em que o irmão fez oito anos foi diferente do aniversário anterior, um dia costumeiro, com Guolao ignorando Gong e Liqun sem se atrever a projectar aventuras incertas, com Gong limitando-se a acordar, a trabalhar durante todo o dia e a deitar-se ao mesmo tempo que Liqun, mas nessa noite Gong não adormeceu e, ainda acordado, olhou para o lado, e, julgando a irmã adormecida, ergueu-se sorrateiramente da cama e saiu do quarto,

inconsciente de que Liqun o iludia, já que ela não dormia verdadeiramente e, ao ver o irmão saindo do quarto, pensou que ele fosse à rua aliviar-se e que voltaria logo, mas, notando a demora, Liqun começou a sentir-se inquieta, levantando-se também e indo até à rua, sem ver ninguém, apenas negrume, e ainda tentou chamar Gong em voz baixa e, ao mesmo tempo, apertar as poucas roupas nocturnas para se aquecer, mas não houve resposta na escuridão,

pelo que temeu o pior e começou a caminhar sem saber ao certo qual o seu destino, desembocando aleatoriamente no bosque,

através do qual correu, enquanto a terra, coberta de seixos e de espinhos, lhe dilacerava os pés, e as árvores, assombradas pela luz e sombra da lua, a espavoriam como espectros, pois Liquan julgava ver semblantes e expressões humanas em todo o lado, quando na verdade não estavam em lado algum, e após transpor o bosque, Liquan chegou à praia, onde, embora ainda afastados, ouviu o rebrantar das ondas e o vento marítimo aplacado pelas árvores, e ali, na areia molhada, também as pedras se assemelhavam a rostos, principalmente quando eram atingidas pela espuma branca do mar, porém, passeando o olhar pela costa, Liquan percebeu que todas as pedras eram apenas pedras, até o seu olhar se deter sobre uma que se movia, não ao sabor da maré, mas autonomamente, entrando no mar bravio, e Liquan tentou aproximar-se dela, logrando discernir Gong que, pequeno e indefeso, enfrentava o colossal e violento mar e, como o tempo urgia, Liquan correu com todo o vigor, bradando o nome do irmão, ao mesmo tempo que uma onda chegava do horizonte,

só que Gong ouvia apenas a voz tempestuosa da coluna de água que se aproximava, preparada para o tragar como um insecto, mas Liquan conseguiu ainda chegar junto ao irmão e tocar-lhe num braço antes da fúria do mar, fazendo Gong virar-se e pensar que o mar também tinha mãos e, nesse momento, quão grande foi o seu assombro ao ver que não estava sozinho, mas sim acompanhado pela irmã mais velha, que deveria estar adormecida, e Liquan não teve tempo de lhe explicar a sua presença aparentemente inconcebível, pois a vaga assolou-os aos dois e, dada a força do impacto, Gong sentiu que perdia a consciência, que a água lhe penetrava por todos os orifícios do corpo, de modo que já nem sabia onde ficava o céu e o fundo do mar, e, mesmo estando já prestes a ficar sem respiração, recobrou o espírito e procurou a superfície das águas, onde fulgurava a luz do luar, quando viu que já estava mais vizinho da costa, que a água lhe dava pela cintura, mas não havia vestígios de Liquan, apenas pedras antropomórficas brilhando à luz da noite, pedras que lhe trouxeram esperança e o fizeram evocar a irmã, contudo, percebendo que não obtinha resposta, aumentou o desespero, obrigando-o a elevar a voz, a pedir que Liquan deixasse de gracejos e se revelasse prontamente,

embora Liquan não tenha aparecido e, como era ainda uma criança, Gong sentiu que não podia fazer mais nada sozinho, que era imperioso correr de novo até ao areal, até casa, que teria de entrar de rompante, acordar os pais, mas, chegado esse momento,

o nervosismo foi tal que Gong não conseguiu articular o discurso, e Nüwa, querendo aquietá-lo, perguntou-lhe o motivo da angústia, pensando que se tratava apenas de um pesadelo infantil, inconsciente que a filha fora tragada pelo mar, mas, após finalmente ouvir as palavras do filho, Guolao levantou-se de sobressalto e, sem mudar de roupa ou calçar os sapatos de bambu, saiu de casa desembestado,

e, já chegado à praia, tal como Liquan fizera, também ele entrou mar adentro, sendo apenas impedido por Nüwa, que o alertou para o perigo, que as ondas e a corrente eram por demais fortes, e, obedecendo à prece, Guolao limitou-se a percorrer a extensão húmida do areal, observando com atenção os rochedos e gritando pelo nome da filha, mas não obteve qualquer resposta além do reventar das ondas ou do sopro da maresia e só a luz da alvorada lhe veio revelar que, além de Nüwa e Gong, não havia mais ninguém no seu raio de visão, pelo que, perdendo as esperanças, sentindo o corpo a estremecer, Guolao se ajoelhou na areia húmida e deixou cair a cabeça, as costas e os braços, deixando também Gong desesperançado, com desejo de consolar o pai, pois nunca o vira assim, mas ao ver que Guolao erguia novamente a cabeça e os braços Gong pensou que ele o castigaria, que iria culpabilizá-lo pelo sucedido, pelo que Gong semicerrrou os olhos, porém as mãos de Guolao não o violentaram, mas cingiram-no num abraço, um abraço mais forte e profundo do que qualquer outro que Guolao lhe dera até então, e, não sabendo se conseguiria ultrapassar a agonia e solidão que a consumiam, também Nüwa se aproximou e abraçou-os aos dois, e, pela primeira vez desde que nascera, Gong sentiu que vivia numa família completa.

6.

E depois de então só Guolao permaneceu descontente, procurando Liquan durante dias, no início ainda com esperança de encontrá-la com vida, seguindo de porta em porta e pedindo aos vizinhos que o auxiliassem, mas, à medida que o tempo passou, a esperança foi mirrando, pelo que mais tarde Guolao começou a dizer apenas que andava à procura do corpo para inumá-lo com dignidade, mas nem sequer o corpo chegou algum dia a ser encontrado,

pelo que, volvido o choque inicial e já destituído de fé, Guolao perguntou ao filho o que se passara, mas Gong, temendo que o pai voltasse à violência do passado, temendo ser ainda mais odiado, mentiu, uma mentira que o acompanharia durante muito tempo e que não deixaria o seu espírito repousar, e disse que, como acontecera no aniversário anterior, a ideia de fugir fora de Liquan,

que ela entrara mar adentro e fora tragada pelas ondas, e dessa vez, como Liquan sempre se culpabilizara, Guolao acreditou no filho

e chegou mesmo a elogiá-lo, a ponto de, a partir de então, fruto de não saber do paradeiro de Liquan, tanto Guolao como Gong mudarem, uma vez que Guolao já não era mais um homem de ideias e acções firmes, passando agora muito tempo a olhar para um céu vago pela janela, como se visse algo que os outros não viam, embora Nüwa soubesse que ele não olhava realmente para o céu, mas para dentro de si, para as suas memórias, pois já não tinha coragem para se levantar da cama de manhã e enfrentar o dia, desejando deitar-se cedo todas as noites para se sossegar, já que, quando adormecia, não pensava no sofrimento, ainda que pudesse sonhar e, no sonho, Liquan estivesse ainda viva, dando-lhe tal sonho mais alento do que a realidade, e, além de dormir e de observar o céu, Guolao gostava de ir ao templo, onde fazia oferendas de incenso e pedia aos bodhisattvas que o espírito de Liquan estivesse em paz, de modo a que, uma vez que ela fora uma jovem virtuosa, pudesse ter também uma reencarnação favorável e não fosse somente a filha de um simples pescador,

e Gong tinha atitudes semelhantes às de Guolao, dado que também passava muito tempo sentado a olhar para o vazio, fazendo com que Nüwa pensasse que o óbito de Liquan era ainda mais doloroso para Gong, que era uma criança e que nunca tivera contacto com a morte, mas, mais do que pela tristeza, Gong sentia-se assolado pelo remorso, uma vez que era por sua culpa que a irmã perecera, que o pai estava naquele estado inconsolável, e, se ele nunca tivesse nascido, tanto Liquan como Guolao continuariam juntos e felizes,

e também Nüwa sofria por ver o filho e o companheiro naquele estado de angústia profunda, pelo que um dia, tendo uma ideia para resgatá-los daquele impasse, aproximou-se de Guolao e tomou-lhe uma das mãos, gesto ao qual Guolao lhe respondeu dizendo,

agora que penso nisso, Liquan foi mais uma mãe para mim do que eu um pai para ela, pois, como pai dela, ensinei-lhe muitas coisas, a pescar peixes no mar, a caçar animais no bosque, a semear os campos, a construir uma casa, mas agora acho que todo esse conhecimento é irrelevante, pois foi Liquan quem me transmitiu a sabedoria mais profunda, foi ela quem me ensinou, não apenas sobre o nascimento, sobre o qual eu nada sabia ou do qual simplesmente não me lembrava, mas também sobre a morte, sobre a qual eu também sabia muito pouco, a dor que traz e o vazio que deixa dentro das pessoas que restam no mundo,

e Guolao disse então estar disposto a dar tudo o que possuía caso alguém lhe dissesse como poderia amainar aquela dor e

preencher aquele vazio, pelo que quando Nüwa apertou a mão dele com mais força e lhe revelou que a morte era uma doença sem cura, mas que existia algo que o poderia tranquilizar, preencher o vazio, a própria vida, pois quanto mais vivermos, mais pensamos na vida e afastamos o pensamento da morte, e Guolao repetiu essa palavra, vida, e depois perguntou do que é que ela falava

e Nüwa apontou para uma parede longínqua, onde, através de uma porta entreaberta, se entrevia Gong, e disse que a vida não está apenas dentro de nós, mas é partilhada, pois as pessoas que conhecemos dão-nos vida e nós damos-lhes vida também, e, naquele momento, Guolao e Gong tinham pouca vida, mas, quem sabe, se cada um partilhasse o pouco que tinha, cada um teria mais vida para si próprio, e Guolao ficou a pensar nestas palavras durante muito tempo, lembrando que algum sábio dissera algo semelhante, que milhares de velas poderiam ser acesas apenas a partir de uma sem que a vida da primeira vela se apagasse,

princípio que Guolao tomou também para si, pois percebeu que também as pessoas eram como velas, consumindo-se rapidamente, mas podendo partilhar um pouco da sua luz, embora no começo, por vergonha, Guolao tivesse dificuldade em pôr as palavras de Nüwa em prática, mas, enquanto olhava as nuvens e rememorava o passado, apercebia-se do quão cruel e injusto fora para com Gong, que era preciso reparar esse passado, não fosse o próprio Guolao morrer com a culpa e ser punido com uma reencarnação inferior, quiçá um insecto, por isso um dia Guolao ergueu-se do assento junto à janela e, batendo à porta do quarto do filho, pediu-lhe que se levantasse e saíssem juntos,

altura em que a vida pareceu voltar ao normal, com Guolao e Gong indo pescar, a primeira vez que o faziam desde o desaparecimento de Liquan, momento que inicialmente foi insólito para ambos, mas que rapidamente se afigurou pleno de oportunidades e esperanças, pois ambos perceberam que o mar estava prenhe de vida, enchendo de tal modo a rede de pesca que tiveram de carregá-la juntos, cada um segurando numa ponta, de modo a que a rede se tornasse mais leve para ambos, para que a luz das velas fosse partilhada e resultasse numa luz maior, e apesar de nesse momento ambos ainda se sentirem envergonhados com o passado, com todo o caminho trilhado até então, não quiseram admiti-lo mutuamente, embora se sentissem exultos, pois tendo ambos a vela da vida apagada tinham-na acendido miraculosamente,

e só Guolao teve coragem de falar, dizendo que tinham muito peixe para as próximas semanas, ao que Gong respondeu que, no dia seguinte, talvez pudessem ir caçar, talvez existissem tantos coelhos

no bosque como peixes no mar, e Guolao concordou, dizendo que depois tinham de recomeçar a tratar do campo, pois o tempo de semeio já começara e, caso se atrasassem muito, não teriam colheita, passariam fome, teriam de andar a mendigar junto dos vizinhos, e, de repente, a caça e a lavoura já não pareciam penosas para o corpo nem para o espírito, mas pareciam oportunidades para partilharem e descobrirem a vida em conjunto e,

querendo ir mais longe, nessa noite, foi Guolao quem deitou Gong, algo que nunca fizera, abrindo-lhe os lençóis, tapando-o, dando-lhe um beijo de boa-noite e apagando-lhe a vela com um sopro, e ambos esperavam que a noite passasse rápido, pois, pela primeira vez em muito tempo, não desejavam dormir, imergir na catarse do sonho, mas queriam antes acordar, estar vivos, procurar de novo a parte da vida que tinham perdido, o alento para as suas ainda fuscas velas,

7.

mas a noite passou sem demora e algumas horas depois, com o regresso da madrugada, Guolao e Gong estavam já sentados no barco, cada um com uma cana de pesca na mão, embora, nessa manhã, uma manhã de profunda neblina que mal deixava entrever a costa, parecesse não haver peixe, o que os levava a permanecer calados durante algum tempo, até que Guolao interrompeu o silêncio, pedindo perdão ao filho, asseverando que, infelizmente, as pessoas vivem dentro delas próprias, não podendo sair de dentro do corpo e ver-se a si mesmas, pensar nas suas acções com alguma distância, como se se vissem num espelho, mas apenas conseguem olhar para e julgar os outros, e acrescentou que sabia que os seus pecados não tinham perdão possível, que provavelmente mereceria até morrer por eles, mas ainda assim buscava a absolvição dada por ele, o seu filho, pedido que fez Gong estremecer, pois, embora Guolao não conhecesse a verdade, agora sentia-se também compelido a pôr a alma a nu e libertar aquele acre veneno que sentia dentro de si há algum tempo, embora temesse que assim pudesse fazer desabar tudo aquilo que edificara até então, todas as velas que acendera, pelo que, amedrontado, se limitou a pedir desculpa de um modo mais dissimulado, desculpa por todos os erros que cometera e que Guolao nunca haveria de saber ao certo quais eram,

pedido que foi aceite por Guolao, que voltou a atentar na bóia, notando que nesse dia parecia não haver peixe, mas que, algures no fundo do mar, deveria estar Liqun, palavras das quais se arrependeu prontamente, embora, nesse momento, Gong tenha puxado o fio da cana e a tenha pousado no casco do barco, sugerindo ao pai que

ambos procurassem a sua irmã, pois, até então, Gong, Guolao e todas as pessoas que os tinham ajudado tinham-se limitado a procurá-la sozinhos, cada um para seu lado, e que talvez fosse mais fácil procurá-la a dois, tal como era mais fácil duas velas acesas iluminarem e se aquecerem, sugestão com a qual Guolao concordou e, mesmo temendo a neblina que, como o mar, era uniforme, agarrou num remo e começou a remar, enquanto Gong se debruçou sobre a proa do barco e mirou a água, que estava suficientemente clara para se verem as rochas do fundo e alguns cardumes de peixes pequenos passando,

e, tão imersos que estavam na busca, nem Guolao nem Gong deram pela terra a afastar-se, até que Gong ergueu a cabeça para repousar um pouco o pescoço e viu que as rochas começavam a escassear, alertando Guolao, que olhou também para trás e percebeu que a neblina se tornara mais espessa, que a costa já desaparecera e que o mar parecia continuar indefinidamente, o que o levou a pensar que talvez fosse melhor ficarem ali à espera que a neblina passasse, não fossem afastar-se ainda mais, na tentativa de encontrarem o caminho de volta, mas, antes que a neblina dissipasse, a escuridão desceu sobre o céu e sobre o mar e, apesar do medo que lhe assolava o espírito, Guolao tentou transmitir calma, agarrando no remo e tornando a remar, na esperança de, ao longe, observar a luz de alguma lanterna, mas a noite passou sem que se avistasse luz alguma e, como Gong era ainda criança e estava afadigado da longa espera, adormeceu deitado no casco do barco, e logo Guolao poisou o remo e, sentindo-se com fome e sede, ficou a observar Gong, pensando que, afinal, qual ironia do destino, talvez fossem mesmo reencontrar Liquan, não no mundo dos vivos, mas no dos mortos,

8.

e foi só quando Guolao estava prestes a adormecer que a neblina se dissipou ligeiramente e revelou que, ao longe, se vislumbrava terra, pelo que, extasiado, voltou a tomar o remo nas mãos e a remar com todo o fôlego, mas, à medida que se aproximava, percebeu que não regressava à origem, que estava numa terra desconhecida, mas, de qualquer modo, poderia comer, beber, aquecer-se, repousar e descobrir como poderia regressar a casa, pelo que, uma vez atracado no areal, tomou o filho adormecido nos braços e começou a caminhar, procurando alguém, e, após atravessar a praia e o bosque que se seguia, chegou a uma aldeia onde, além de caminhos de terra e casas de pedra, se estendiam pomares, todos eles com árvores da mesma fruta, que lhe pareciam pêsegos, embora Guolao não conhecesse nenhuma aldeia próxima da sua que fosse conhecida por tal fruto,

e, além dos pomares, Guolao viu também um homem, um homem que levava um carrinho de mão também ele carregado de pêssegos, e, percebendo que estava diante de um estranho, o homem deteve-se e perguntou-lhe quem era e de onde vinha, questões às quais Guolao respondeu, pedindo de seguida que fosse conduzido ao chefe da aldeia, pois gostaria de solicitar direcções para regressar a casa e mantimentos para a jornada, dado que ele e Gong estavam esfaimados e sedentos, mas o homem desculpou-se, dizendo que não possuíam chefe algum, que não era possível encontrar o caminho de regresso, pois estavam numa ilha, completamente rodeados por mar, e também não havia a certeza de poderem fornecer mantimentos, palavras que Guolao julgou serem caricatas, já que todas as aldeias que conhecera tinham um chefe, que desconhecia qualquer ilha nas imediações da costa de Penglai, a sua aldeia, e, além disso, como é que não poderia receber mantimentos se aquela terra fértil fazia crescer árvores de fruto por toda a parte, mas, temendo que essa fosse uma longa história, o homem não lhe satisfez as dúvidas, limitando-se a pedir a Guolao para segui-lo até casa,

e, no caminho, Guolao pôde ver que todas os habitantes da aldeia pareciam solitárias, ignorando-se umas às outras, como se vivessem tão afastadas como as árvores ou as pedras e, como elas, também o seu anfitrião vivia solitário, não lhe oferecendo nada de comer nem de beber como ditavam as normas da hospitalidade e começando, em vez disso, a contar a sua história com a revelação de que também não era originalmente dali, nem ele, nem ninguém, uma vez que, antes das pessoas, apenas estavam ali os pessegueiros selvagens, e que também ele fora um pescador que, um dia, se perdera no meio da neblina, condenado a morrer à fome, à sede e com frio, e tenha acabado por chegar àquela ilha, que julgara ser um lugar grotesco, cujos habitantes eram vazios como o firmamento, indiferentes, como se não tivessem consciência ou alma dentro de si, vivendo apenas para semear, regar, podar e fazer a colheita dos pêssegos, e o anfitrião de Guolao não percebera o porquê naquela altura, apenas algum tempo depois, quando lhe foi revelado que aqueles pessegueiros não eram normais, que eram pessegueiros sagrados, originários dos deuses e a eles reservados, e que quem comesse do seu fruto jamais envelheceria, tornando-se invulnerável perante o tempo,

e, ouvindo estas palavras, Guolao franziu o sobrolho e sorriu com embaraço, pensando que o anfitrião o ludibriava, mas ele, querendo convencê-lo das suas palavras, contou-lhe que, quando chegara à ilha, como acontecera com Guolao, alguém o recebera, levando-o até casa e contando-lhe a sua história, percebendo então que, naquela

O HOMEM QUE VIAJAVA NO TEMPO

5.

Não foi o último encontro entre Dongbin e Xian'gu. Um dia, Xian'gu fora colher frutos silvestres ao bosque e regressava por uma estrada pouco frequentada, quando foi assolada por um homem que se escondia entre as árvores e que lhe exigiu todos os bens que trazia. Entre esses, o mais valioso era o relógio de bolso que pertencera ao seu pai.

Dongbin caminhava com uma cana de pesca numa mão e uma rede com peixes ainda estrebuchantes na outra, quando viu que, no meio do caminho, havia um corpo jacente. Apercebendo-se de que era Xian'gu, correu imediatamente para junto dela e, largando o que tinha nas mãos, auxiliou-a. Acabou, lamuriou-se ela. A réstia que sobrava do meu pai esvaiu-se.

Vendo-a inconsolável e julgando que possuía uma cura para tal desconsolo, Dongbin agarrou na mão dela e guiou-a até à loja, à oficina subterrânea, onde por regra não deixava ninguém entrar. Quando acendeu uma vela, Xian'gu arregalou os olhos. Nunca vira nada assim. Em cima das mesas e suspensos das paredes, havia dezenas de relógios das mais variadas formas e cores. Quando, pouco depois, a hora certa chegou, aquela oficina cavernosa encheu-se de vida. Pássaros de espécies exóticas saltaram de gaiolas de madeira e cantaram. Planetas andaram em órbita. Soldados confrontaram-se em batalhas de espada em riste. Imperadores, letrados e concubinas de mangas compridas desfilarão. No entanto, o relógio que mais chamou a atenção de Xian'gu foi o mesmo que Dongbin desejava mostrar-lhe, um relógio com dois bonecos incógnitos saindo de duas portas ermas e abraçando-se a meio do caminho. Xian'gu reconheceu neles as roupas que trajavam. Percebeu que aquele era um momento especial, que o tempo do pai já passara e que, como dissera Confúcio, chegara o tempo do cônjuge e, mais tarde, chegaria o tempo de um filho ou de uma filha ainda por nascer.

O HOMEM QUE MOVIA COM O PENSAMENTO



1.

John Kelley regressava do poço com uma vasilha de água na cabeça, quando ouviu alguém a choramingar. Seguindo o som da voz, encontrou uma mulher escondida por entre os arbustos que ladeavam o caminho de saibro que percorria. Massajava um pé. O que se passa, senhora, questionou John. Quis apanhar uns medronhos desta árvore, mas desequilibrei-me e magoei-me num pé, respondeu ela. A mulher afastou as mãos, revelando um dos pés, rubro e túmido. Compadecido, John poisou a vasilha de água no chão e ajoelhou-se para tomar um braço da mulher e colocá-lo em volta dos seus ombros. E a vossa água, senhor monge, perguntou ela. As pessoas são essencialmente feitas de água, mas a água não é feita de pessoas, respondeu ele.

John carregou a mulher com esforço até à cela do mosteiro em que habitava, preparou-lhe um curativo com plantas medicinais que cultivava no seu jardim e colocou-as no pé magoado. Depois, deu de comer e de beber à paciente. Extenuada, a mulher dormitou um pouco sobre a tarimba, enquanto John foi lavar e regar o jardim. Por momentos, temeu que ela se fosse embora com o pouco que ele ainda possuía. No entanto, quando regressou com o pôr-do-sol, John viu

que ela estava diante do espelho, ajeitando a roupa e o cabelo antes de partir. Adeus, senhor monge, agradeceu. Obrigado por tudo o que fez por mim. Que deus vos abençoe.

A mulher já se afastara um pouco da entrada do mosteiro, de onde John a observava com nostalgia, quando se virou novamente. Perdoe-me, senhor monge. Lembro-me de vós. Lembro-me do mal que vos fiz. Não merecia o vosso socorro. John sorriu. Também me lembro de vós, contou-lhe. Também me lembro do mal que vos fiz. Espero que também me perdoeis. Ainda bem que desta vez, ao contrário do que haveis feito com Nicholas de Meung, não haveis atraído a minha boa vontade. De imediato, o passado há muito reprimido nas profundezas da memória de John, o momento em que decidira ingressar naquele mosteiro, reemergiu. Relembrou a última vez que vira uma mulher à sua frente. Sophie.

Quando Edward Dee chegou, Sophie estava sentada no banco do jardim há já algum tempo. Trouxera uma cesta com frutas para comerem juntos. No entanto, nesse dia, Edward traçava um esgar macabúzio. Passa-se algo, Edward, perguntou Sophie, afagando-lhe o rosto com preocupação. Ouvi, Sophie, pediu ele. Tenho algo importante para vos contar. Algo em que não ireis acreditar decerto, que vos parecerá uma história saída das Metamorfoses, mas que vos garanto ser a mais cristalina das verdades. John revelou que não possuía um corpo como as outras pessoas. Não desejava que Sophie o questionasse como nem porquê, mas que se limitasse a aceitá-lo cega e incondicionalmente. Dali por pouco tempo perderia o fôlego e necessitaria de alguém que lhe emprestasse as pernas para andar e os braços para se segurar.

Sophie sentiu-se de tal modo desconcertada que deixou cair a cesta e as frutas espalharam-se pelo chão. Porém, rectificou rapidamente a postura e, sorrindo, afirmou, Edward, ao contrário do que Platão vaticinou, nesta vida, o corpo e a alma não são entidades desconexas. Nem o corpo é o senhor nem a alma é a escrava. São como dois companheiros, como dois amantes, complementando-se e alumando-se reciprocamente. O corpo é como a água e o sol, que fazem a Primavera da alma desabrochar e prosperar. Quando o corpo está feliz, a alma simula-o. Ultimamente, tendo-vos visto com o corpo feliz, reparei que também a vossa alma se transmutava, que desabrochava, que crescia. E foi essa alma, materializada nas vossas palavras, que seduziu também a minha alma escondida.

À distância, escondido no desconforto dos arbustos, John Kelley não era capaz de perscrutar todos os movimentos nem de ouvir todas as palavras de Sophie. Contudo, quando ela se debruçou sobre Edward e o enlaçou no seu regaço, John teve a certeza de que

tudo corra bem, pelo que se afastou, sorrindo e relembrando o dia anterior, quando Edward confessara essa alma reprimida perante Sophie.

2.

Quando Sophie disse que sim, Edward sentiu simultaneamente um grande júbilo e uma grande tristeza. Não tinha ainda a certeza se ela o amaria a ele ou a John, cuja alma se refugiava nos movimentos de Edward. Talvez a verdadeira paixão recaísse sobre aquele homem com quem Sophie nunca partilhara palavras, mas que, sem ela saber, sempre se escondia atrás das árvores e dos penedos e os observava como um demiurgo.

Edward não o desejou, mas, mesmo sem desejá-lo, as suas mãos tomaram as mãos e o rosto de Sophie, aproximando-o do seu, deixando que os lábios se tocassem. Não, suplicou Edward para si mesmo, mas John não era capaz de ouvi-lo. Ainda é cedo. Ainda tenho dúvidas sobre tudo, o passado, o presente, o futuro. No entanto, apesar das preces, as mãos continuaram a apertar os braços de Sophie com brandura.

O que foi, Edward, perguntou Sophie, de rosto enrubescido, quando o rosto de Edward se voltou a afastar. Parecis contrafeito. Perdoai-me, Sophie, clamou Edward. Sentia-se de tal modo exasperado que lágrimas lhe escorreram rosto abaixo. A verdade é que me sinto um pouco indisposto.

Quando o mundo perde o seu equilíbrio, tudo se desfaz, revelou Edward, quando John o deitou nessa noite. John não o censurou por tais pensamentos. Compreendia-o. Tivera também pensamentos semelhantes há não muito tempo. Veio-lhe à mente o momento em que Edward se aproximara de Sophie pela primeira vez, convidando-a para dançar, proposta que ela aceitou de bom grado. Os laços ocultos que os uniam eram já conhecidos por todos, inclusive por Isaac Dee, pai de Edward, que finalmente via ali uma esperança de casar o filho. Desejando açudar tal processo, deu carta branca a latentes encontros entre os jovens, convidando também Sophie bastas vezes a frequentar a sua casa.

Edward e Sophie passeavam pelo jardim, observando as flores coloridas orbitadas por abelhas e mariposas, os nenúfares dos lagos rodeados por peixes dourados e, quando se aborreciam, transpunham o muro, erravam pelo bosque e pela praia e, embora Sophie não o soubesse, eram permanentemente perseguidos por uma sombra que se escondia atrás das árvores do bosque e dos penedos da praia. John sentia-se satisfeito por perceber que até

o intransigente Isaac Dee aceitava melhor a sua presença naquela casa e que Edward reconquistava alguma da alegria perdida do passado. No entanto, sentia-se também descontente com a falta de autonomia, de viver mais para Edward do que para si mesmo, como uma alma descolada do corpo. Já não pensava no seu amanhã, mas apenas no passado de Edward, de como a sua recatada presença em todos os banquetes de Isaac Dee eram uma condição impreterível para que Edward fosse quem era. E era esse passado recente que, indesejado, lhe acorria à mente sempre que procurava adormecer.

3.

No desconforto da insónia, John pensou que, uma vez que Edward recobrava milagrosamente os movimentos, tudo voltara à normalidade para Isaac. Edward, porém, sentia que faltava algo. A vontade. Não tivera nunca a certeza se era livre ou se os seus movimentos eram decididos por alguém ou algo estrangeiro a si, uma parte do seu espírito à qual não tinha acesso, deus, o destino. No entanto, incapaz de controlar o seu corpo, vivera, no mínimo, na ilusão de que controlava o pensamento. Agora, porém, já nem essa ilusão restava. Conhecia quem lhe deliberava as acções e essa pessoa não era como deus, invisível e remoto, mas caminhava permanente e inocentemente a seu lado.

Isaac acreditava que agora a presença de John era supérflua e mesmo indesejada, ainda que soubesse que John e Edward eram amigos estreitos. No entanto, o próprio John considerava que deixara de executar um mero trabalho. Tornara-se num escravo e Edward também. Ambos eram escravos sem mestre.

A flâmula de um ânimo recobrado voltava agora ao lar de Isaac Dee, que voltou a organizar banquetes com os outros fidalgos das terras vizinhas. No princípio, vibrante por poder usufruir novamente da juventude interrompida, Edward foi um anfitrião cordial e espirituoso. Chamava frequentemente a atenção dos convidados, contava graças, propunha brindes e dançava com mestria. O olhar de Sophie começava a recair sobre ele. No passado, vendo-o sentado na cadeira de rodas, com o corpo deformado e o pescoço e rosto numa posição desaconchegada, não sentira mais do que pesar. Pensava que ter-se um corpo e uma alma eram premissas forçosas para a humanidade, e Edward tinha somente um corpo postiço. Agora, porém, tais pensamentos eram contrariados pela memória da súbita e prodigiosa convalescença.

Nessa manhã, um empregado irrompeu pelo quarto de Isaac, acordando-o com grande alvoroço. É inacreditável, senhor Dee,

bradava. Tendes de vos levantar e vir presenciar. Encolerizado, pensando que nenhum motivo era urgente o suficiente para lhe interromperem o sono, Isaac levantou-se e, enquanto descia as escadas e apertava o cinto do roupão, pensou no castigo que infligiria mais tarde ao seu servo. No entanto, penetrando no salão, o seu corpo deteve-se e a cólera desapareceu subitamente.

Edward levantara-se e caminhava pelo salão, apertando as mãos dos empregados e empregadas, que reagiam com uma mistura de temor e alacridade. Vendo o pai, Edward aproximou-se e abraçou-o. Igualmente atemorizado e exulto, Isaac retraiu alguns passos. Pai, não sei o que se passou comigo, declarou Edward. É um milagre, mas volto a ter controlo sobre mim mesmo. Mentia. Sabia bem o que se passara. Sabia-o tão bem como aquela silhueta quieta e calada encostada no vértice do salão, quase fundindo-se com as paredes, John Kelley, que então olhava com discrição, enquanto, no fundo da sua alma, relembrava o momento em que perdera para sempre a liberdade.

4.

Edward deu ordem para que quem batia à porta entrasse. Era John. Amigo, tenho um segredo para vós, revelou, sentando-se ao lado de Edward. Sim, incitou Edward. Inicialmente, John não soube como expressar tais palavras nunca antes verbalizadas. A verdade é que... consigo mover objectos com o pensamento, titubeou, insatisfeito com a formulação. Edward franziu o sobrolho. O quê? No início, Edward pensou tratar-se de um gracejo, mas o tom austero de John não esmoreceu. No entanto, céptico como era, Edward necessitava de uma evidência, algo que lhe estimulasse os sentidos. Ainda com a força das mãos e não com o pensamento, John sentou o amigo na cadeira de rodas e empurrou-o até à janela, que abriu, esticando uma mão para fora. Tinham agora vista para os pomares, onde grupos de jovens encardidos e andrajosos apanhavam fruta. De repente, sem que ninguém além de John e Edward o visse, uma maçã arrancou-se do ramo a que estava presa e voou com leveza. As janelas abriram-se sozinhas, tal como se tivesse soprado repentinamente uma rajada de vento, e a maçã poisou na palma da mão aberta de John.

Dizeis que haveis ganhado tal habilidade quando vos bateram na cabeça com um pau, questionou Edward, quando finalmente conseguiu suprimir parte da assombração. John acenou afirmativamente. Não é a primeira vez que ouço falar de algo assim. As pessoas esforçam-se em exercitar o corpo e a mente, em ganhar robustez

física e elasticidade mental, mas parece que, como disse Platão, mais do que atentarmos em ganhar o que ainda não temos, em tornarmos-nos em quem não somos, deveríamos antes atentar em desvendar o que já se encontra latente em nós. Também Aristóteles disse que toda a vida é potência, que já temos dentro de nós aquilo de que precisamos para nos cumprirmos e que apenas nos resta descobri-lo. Desde que ganhei esta faculdade, tenho-me esmerado em trazer justiça para Cogne, devolver tudo ao seu lugar, asseverou John, lembrando os eventos da noite anterior.

Nessa noite, vendo que tinha dois ases na mão e que havia um outro em cima da mesa, Nicholas de Meung sentiu um frémito na espinha. Nicholas era um de vários homens sentados em torno de uma mesa sombria, sobre a qual estavam fichas coloridas e cartas desbotadas, iluminadas apenas por uma vela, cuja luz se refractava nos copos de espíritos e cujo fumo se misturava com o dos charutos. Nicholas tentou não transparecer qualquer emoção. Há muito tempo que jogava e perdia sempre dinheiro. No entanto, a fé não escasseava.

Vendo o número da aposta a aumentar, vários jogadores desistiram, embora tenha restado concorrência para Nicholas. Momentos antes de as cartas serem reveladas, fraquejou, imaginando que o impávido adversário que restara possuía uma mão superior. No entanto, quando as cartas caíram em cima da mesa, Nicholas precisou de algum tempo para verificá-las, tal foi a emoção que sentiu. Vencera. Já sem vacilar, tomou o dinheiro num abraço e guardou-o nos bolsos.

Nicholas estivera de tal modo absorto no jogo que nem dera conta da presença de uma jovem, que o observava de um pilar um pouco distante, mas suficientemente perto para se aperceber do dinheiro que ele arrecadava. Nicholas apercebera-se apenas de que, na mesa vizinha, se sentava uma solitária figura encapuzada, de identidade completamente velada, o que lhe causara desconfiança e temor.

Não querendo arriscar mais a sorte, Nicholas abandonou a taverna. Julgou-se sozinho na rua escura, mas, enquanto caminhava, ouviu uma voz feminina, lamuriosa. Olhando para o lado, para uma erna ruela, avistou uma jovem acorada no chão, choramingando, tal como se tivesse caído e se tivesse magoado. Tão clemente como ingénuo, Nicholas aproximou-se e perguntou-lhe se estava bem. Ela disse que sim e, como torcera um pé, pediu a Nicholas que lhe desse um braço e a auxiliasse a caminhar até casa. Ele assim fez, deixando-se ser conduzido pela jovem até uma outra ruela apertada e lúgubre.

Quando Nicholas percebeu que estava num beco sem saída era já demasiado tarde. Olhou com incompreensão para a jovem e, largando-a, tentou regressar, mas estava agora rodeado por um grupo

de jovens armados com paus. Não tenho dinheiro, mentiu, encostando-se à parede do beco. Não logrou o mesmo grau de persuasão que tivera quando jogava. Um dos jovens aproximou-se e ergueu a sua arma. Nicholas fechou os olhos e contraiu o corpo. Esperou sentir uma forte pancada na nuca, mas o tempo passou e nada sucedeu. A medo, abriu somente um olho. Viu que o jovem todo tremia, excepto o seu braço armado, que estava estático no ar. Pensando que ainda tinha tempo para evitar a dor, Nicholas levou a mão ao bolso e tirou o maço de notas que conquistara, estendendo-o ao agressor. Tomai o meu dinheiro, pediu Nicholas. É vosso. No entanto, vendo que o jovem não se movia, Nicholas colocou-lhe as notas directamente no bolso numa tentativa de convencê-lo a baixar o ameaçador braço.

O que se passa, perguntou outro dos jovens. Porque não o agredis? Não consigo, rugiu o agressor com esforço, como se uma força invisível lhe dominasse até as cordas vocais. Não consigo mexer o meu braço. Nervoso, o jovem que colocara a questão aproximou-se e tentou também agredir Nicholas, mas, nesse momento, o braço do comparsa libertou-se e atingiu-o directamente na nuca, deixando-o inconsciente. Aterrorizado, o agressor involuntário deixou cair a arma e retraiu alguns passos.

Ouviram-se passos. Inquietos com o inefável da situação, todos, agressores e agredido, viraram-se na direcção do som. Da sombra projectada pelo luar, surgiu uma figura encapuzada. Ainda encostado à parede, Nicholas reconheceu nela a figura que vira na taverna a observar o jogo. Quem sois, perguntou um dos jovens e, no mesmo momento em que terminou a questão, o seu corpo foi hasteado por uma força imaterial até aos céus, onde se deteve de braços abertos, como Cristo na cruz. Os outros jovens desejaram fugir, mas não logravam mover mais do que as órbitas. Do bolso do casaco do jovem que levitava, saiu o maço de notas, que flutuou e poisou na mão do homem encapuzado, com a leveza de uma folha de Outono. Ao mesmo tempo, o jovem que levitava caiu no chão, levantando uma nuvem de poeira. Os outros voltaram também a tornar-se senhores dos seus movimentos. Debaixo do carapuço, John sentiu um misto de satisfação de vingança e horror, pois afinal não fora há muito tempo que experimentara aquela nova aptidão, longe de qualquer vista humana.

5.

Com medo de que o desaforado pensamento o levasse a fazer o que não intentava, John procurou refreá-lo tanto quanto lhe era possível. Tentava suprimir os desejos que nunca exprimia e as

memórias que frequentemente lhe assomavam a mente, trazendo para junto de si passados distantes ou futuros fantasiosos. No entanto, sabendo que não poderia viver eternamente de tal modo, que o melhor era procurar compreender e resolver a sua condição, John ensaiou a sua nova faculdade. Desejando fazê-lo a sós, ausentou-se de sua casa e de casa dos Dee e dirigiu-se ao bosque, caminhando depois até à praia. Há já muito tempo que não ia ali sozinho, sem ter de levar Edward como uma sombra atrás de si, o que o fez ter uma já rara sensação de liberdade.

John começou por imaginar que movia objectos pequenos. Arredou um seixo, que se ergueu diante da sua vista. De seguida, alçou um tronco morto que estava no chão. Fê-lo com facilidade, como se o tronco tivesse o mesmo peso que o seixo. Caminhando até à praia, John observou, ao longe, um ilhéu pedregoso. Também ele se edificou nos céus, deixando escorrer águas, pedras e raízes para dentro do mar. Parecia que o peso físico não tinha influência sobre a força mental. Quem sabe, se o desejasse, John conseguiria erguer a Lua ou o Sol. Nesse momento, ocorreu-lhe aquela frase de Arquimedes que lera havia pouco tempo, com Edward.

Dêem-me um ponto de apoio e eu moverei a terra, soletrou John com dificuldade. John nunca fora muito bom a compreender o conteúdo daqueles textos intrincados. Essa frase, porém, ficou-lhe no pensamento. Passa-se algo, John, perguntou Edward. Porque não continuais? Estava a perguntar-me, será possível o homem ter influência no mundo, não apenas através do corpo, mediante o uso de uma alavanca, mas unicamente através do pensamento, da alma? Edward riu-se. Tanto quanto sei, até hoje, ninguém conseguiu fazê-lo. Os objectos, as pessoas, tudo o que existe na realidade sempre se moveu por outras leis que não as do pensamento. O pensamento é apenas potência, está alojado na nossa mente e apenas pode sair pela força das nossas mãos ou das palavras que nos saem da boca. É por essa razão que a pessoa com mais carisma e eloquência é mais forte do que a com maior força física. Nem mesmo a pessoa fisicamente mais possante consegue hastear um penedo, contudo se alguém com carisma e eloquência falar e convencer cem pessoas do dever de levantarem um penedo, elas fá-lo-ão. John anuiu e não abordou mais o assunto, embora nesse momento o passado recente, as palavras que ouvira da boca de Isaac, lhe tenham assombrado a mente, assim como a perspectiva de um futuro melhor, a de libertar Edward da indigente condição em que o vira no último encontro.

Nesse dia, quando chegou ao quarto de Edward, John encontrou-o deitado na cama com um ar abatido. Edward não se lamentou. Tentou fazer de conta que não vira John durante apenas

um dia. No entanto, quando o deixou, curioso, John dirigiu-se ao escritório de Isaac. Tentei encontrar-lhe outros empregados que cuidassem dele, afirmou Isaac, aproximando-se da janela e falando de costas para John, ao mesmo tempo que rememorava os eventos decorridos durante a sua ausência.

Edward estava sozinho no quarto. Perguntara a Isaac o porquê da ausência de John, mas nunca obtivera uma resposta conclusiva. Como John não viera cuidar de si e recusava-se a ser cuidado por qualquer outra pessoa, já há vários dias que não comia nem ia ao quarto de banho. Por vezes, Isaac batia à porta do filho e pedia-lhe que lhe permitisse a entrada, pois Edward tinha de se alimentar. No entanto, Edward não o permitia. Com o tempo, Isaac começou a temer o pior cenário. Temeu que Edward acabasse por desfalecer de debilidade. Não suportando essa realidade, mesmo sabendo que tal contrariava a vontade do filho, Isaac penetrou no quarto com um grupo de empregados. Vamos entrar, filho. Perdoai-me. Não, gritou Edward com quanto fôlego ainda possuía. Não quero que me vejais, Não quero que ninguém me veja. No entanto, a maçaneta rodou e um rasgo de luz e de ar entrou pela nesga da porta.

Apesar de tudo, sois a pessoa mais próxima dele, continuou Isaac, despertando dessa tenebrosa memória. Ele vê-vos como uma extensão do corpo, e o nosso corpo é a nossa mais íntima e secreta posse. Não o partilhamos com qualquer um. Para Edward, foi humilhante ver-se tão desnudado perante estrangeiros, alguém que o lavava dos pés à cabeça. Até eu, que sou o pai dele, tentei aliviá-lo dessa ignomínia, mas sou também como um estrangeiro. Lamento, afirmou John, sentindo-se culpado pela ausência prolongada. Dizei-me, John, achais que vale a pena viver assim, perguntou Isaac. Achais que o meu filho tem hipótese de voltar a ser feliz? Embora aprecie a presença dele, por vezes penso que teria sido melhor se ele se retirasse deste mundo, desta sórdida existência. É certo que a dor seria maior, mas também seria mais curta. Por vezes, penso até que poderíamos acabar com o flagelo dele, sem dor acrescida. Quem sabe, podíamos dar-lhe algum veneno, asfixiá-lo durante o sono.

John sentiu asco de Isaac, um pai que desejava matar o seu filho. Como nunca gostara dele, ouvindo-o dizer tão pungentes palavras, também John desejou que Isaac morresse, que bebesse algum veneno ou fosse asfixiado, mas rapidamente refreou tais pensamentos, não fossem eles tornar-se realidade. A memória do que acontecera quando John despertara do profundo sono estava ainda vívida na sua mente.

6.

Quando John acordou, viu que o pai estava sentado ao seu lado. Poisava-lhe panos húmidos na testa. O que se passou, perguntou John. Haveis sido encontrado inconsciente, num beco sem saída, respondeu o senhor Kelley. Surraram-vos. Furtaram-vos o dinheiro. Recordando esse momento e os seus últimos pensamentos, John tentou sentar-se na tarimba. Quando viu o seu braço diante da vista, a sua mão a abrir-se e a fechar-se, sentiu-se tão aliviado como desiludido. O destino fora novamente benigno para consigo.

Como vos sentis, perguntou o senhor Kelley. Normal, afirmou John. Um pouco dorido, ainda. Bateram-te muito. O terapeuta Jean Dubois analisou-vos e disse que tínheis hemorragias internas, que eu deveria preparar-me para o pior, felizmente, o destino foi bondoso para convosco e também para comigo. Porém, John, não pensava tanto na sua saúde, mas na de Edward. Não sabia ainda quanto tempo permanecera nesse repouso forçado, mas imaginava que deveria ter deixado Edward sozinho durante dias. Não lhe oferecera o auxílio do corpo como fizera nos últimos anos. Tende calma, aconselhou o senhor Kelley. Por agora, deitai-vos e descansai. Eu próprio não saio deste quarto há vários dias. Também preciso de sair para trazer mais comida e bebida. Deixarei um pouco de pão e um copo de água junto à mesa-de-cabeceira para não terdes de vos levantar.

Embora um pouco a contragosto, John acedeu, deitando-se e adormecendo de imediato. Quando voltou a acordar, estava sozinho. Sentia fome e sede. Abrindo os olhos, viu o pedaço de pão e o copo de água que o pai lhe deixara. Porém, sentia-se de tal modo débil que nem sequer queria tirar o braço do calor do cobertor e esticá-lo. Quem me dera que o pão e a água se movessem sozinhos até à minha boca, pensou, e, como que por feitiço, o prato e o copo moveram-se lentamente, tombando no chão.

Mais por virtude do espanto do que da energia, John sentou-se na cama e mirou o chão. Parecia um assombro. Como que desejando repetir as condições do anómalo momento, agora usando as próprias mãos, tornou a poisar o pão e o copo em cima da mesa-de-cabeceira, a deitar-se coberto com os lençóis e a pensar noutro assunto. Lembrou-se do momento que o levara àquele estado, quando ainda estava na taverna a executar o truque que mostrara inicialmente a Edward.

Embora dialogasse loquazmente com o voluntário que se oferecera e com o público e fizesse os movimentos ligeiros com as mãos, John continuava a pensar. O seu truque tornara-se inconsciente

como qualquer acção recorrente do quotidiano. Era capaz de olhar para a mulher, que, agarrada à coluna húmida e poeirenta, o mirava com os olhos meigos de sempre. É hoje, pensou. É hoje que, tal como os homens que aqui vêm afogar as mágoas em cálices de vinho, também eu afogarei as minhas nos braços de uma mulher.

Após a exibição, os aplausos e a paga, John olhou novamente para o pilar e viu que a mulher já não estava lá. Estava agora encostada à porta de entrada. Ainda o fitava, como se o quisesse conduzir, mas, quando percebeu que ele também a vira, saiu. John perseguiu-a. Quando chegou à rua húmida e escura, viu uma silhueta a caminhar por entre ruelas, até que ela se deteve num beco sem saída e, como numa dança, John imitou-a, aproximando-se dela em passos lentos, tomando-lhe os braços desnudados e depois os lábios, mesmo antes de lhe conhecer o nome. Como vos chamais, perguntou. Samantha, disse ela. E vós? John. John Kelley. Ficaram juntos durante curtos segundos, até ele perceber que mais alguém se aproximava. Virou-se para trás repentinamente. Era um grupo de jovens encapuzados e armados com paus de madeira. Olhou novamente para Samantha. Viu que ela não parecia tão surpreendida nem atemorizada como ele, apenas olhava para o lado, como se procurasse ignorar ou talvez esquecer a situação.

John tentou fugir, mas sem sucesso. Duas figuras incógnitas tomaram-lhe os braços e uma terceira começou a bater-lhe com o pau na esperança de imobilizá-lo. Porém, John não desistiu. Quem sois vós, perguntou num momento de pausa, respirando com dificuldade. Provavelmente, reconhecem-me. Provavelmente, se vos visse os rostos, reconheceria em vocês as crianças com quem costumava vadiar e roubar. Como que confirmando a sua suposição, a figura encapuzada agrediu-o com força, com cada vez mais força, em partes do corpo cada vez mais sensíveis, até lhe desferir um golpe pujante directamente na nuca. Nesse momento, o pensamento de John desligou-se do corpo, da realidade envolvente. Conseguiu apenas pensar em Edward. Pensou que, talvez, a força desmesurada daqueles golpes o deixasse na mesma condição que ele. Era o preço a pagar pelos pecados e pelo sucesso que conquistara através deles.

7.

O nome de John Kelley espalhou-se além das fronteiras de Cocagne. Em terras distantes, durante banquetes aristocráticos, contava-se que havia um homem de mãos tão leves e palavras tão dissuasoras que lograva invadir imperscrutavelmente os bolsos e a mente de qualquer um. No entanto, como tinha de acompanhar

Edward, John não podia ir para muito longe. Começou, por isso, a actuar frequentemente na praça pública e na taverna de Cocagne.

Com o bruxulear das velas que iluminavam a taverna, John viu que Samantha, cujo nome viria apenas a conhecer mais tarde, o observava com olhos sedutores, encostada a uma coluna lodosa, como se o chamasse silenciosamente, como se lhe pedisse para, depois da exibição costumeira, se cerrarem os dois no negrume para ele roubar-lhe uma parte dela.

John labutava dia e noite, levando todo o dinheiro conquistado para partilhar com o pai. Com o tempo, lograram construir uma casa nova, mais espaçosa e aventada. Os habitantes de Cocagne já não o viam simplesmente como um adulto desalentado nem como uma criança subversiva, mostravam-lhes uma deferência que o senhor Kelley já não conhecia há muitos anos, e que John nunca antes conhecera.

Talvez possa voltar a casar-me, revelou o senhor Kelley, colocando mais um seixo sobre aquilo que então ainda era um muro, mas se tornaria numa parede. Nestes últimos anos, pensei que nunca mais me aproximaria de ninguém, que permaneceria desacompanhado para sempre, porém, agora começo a pensar de modo diferente.

John despediu-se do pai, dizendo que prometera a Edward que iriam passear à praia nesse dia. John fitava o céu, mas não parecia olhar para o azul nem para os pássaros. Pareceis distraído, amigo, altercou Edward. Em que pensais? John contou-lhe a verdade sobre a mulher que trocava olhares consigo, sempre que estava na taverna, e que depois o olhava permanentemente dentro da imaginação diurna e dos sonhos nocturnos. Edward pareceu ficar tão enlevado quanto tristonho com aquelas palavras. O que se passa, perguntou-lhe John. Estava a pensar que nunca terei tal fortuna, respondeu. Mais tarde ou mais cedo, o meu pai vai desejar que me case, provavelmente, com a filha de algum nobre com quem procure cimentar relações. Porém, quem desejará casar-se comigo, um homem sem corpo, um homem que não se pode levantar para abraçar ninguém? Se alguém desejar unir-se a mim, decerto que será apenas pelo património, pelo renome, mas também não sei como poderei mantê-los ao longo da vida. Não posso pegar numa caneta e trabalhar. Não posso tomar uma espada e guerrear. Se algum malfeitor me quiser assaltar, não terei meios de defesa.

Também John se sentiu taciturno. O seu caminho e o de Edward tinham começado separados. Depois, haviam-se entrelaçado e agora parecia que voltavam a seguir caminhos opostos. Edward caía para uma ruína irrevogável, e John encontrara o sucesso, há não

muito tempo, ali, na casa dos Dee, quando Edward o encorajara a mostrar o seu artifício ao mundo.

Durante os banquetes de Isaac Dee, John sentia-se quase como uma aparição. Ali estava, observando a opulência e a leviandade sem, no entanto, participar nelas, mas não como os outros servos, que entravam e saíam constantemente da cozinha ou se mantinham afastados da mesa do banquete, encostados à parede, à espera de que o seu nome fosse evocado. John precisava de estar incessantemente junto a Edward, segurando na cadeira de rodas que construía com as próprias mãos, levando-o para onde ele desejasse ir.

Com alguma nostalgia da vida do passado, à noite, quando Edward já dormia, John começou a treinar alguns dos truques que utilizava no tempo em que assaltava casas e o mercado, com as outras crianças destituídas, de Cocagne, a ligeireza das mãos, a eloquência, o desviar da atenção daqueles que o ouviam. Quando tinha a certeza de que o seu talento era maior do que o de muitos dos jograis que via nos banquetes, falou com Edward. John pediu-lhe uma cruz que trazia ao peito e, após algumas palavras e movimentos ágeis, Edward ficou impressionado ao reparar que a cruz desaparecera. É magia, tartamudeou. No entanto, fazendo a cruz surgir de novo na palma da mão e devolvendo-a ao dono, John revelou, Não é magia, confessou John. É um assalto. A única diferença entre a magia e o roubo é que, na primeira, o objecto roubado é devolvido ao proprietário. Não consigo guardar os meus pertences nas minhas mãos nem sinto se mos tirardes, mas será que também conseguiríeis furtá-los de alguém que tenha mãos sadias, perguntou-se Edward.

Edward pensou que aquele era um truque que poderia agradar ao pai e aos levianos convidados. No banquete seguinte, durante um momento de silêncio, não podendo erguer-se a si mesmo, Edward ergueu a voz e apresentou John, dizendo aos convidados que este era dono de um sublime artifício, o de desviar o espírito das pessoas, de tal forma que, momentaneamente, como ele, deixavam de ser senhoras do próprio corpo. Embora Isaac tenha franzido o sobrolho perante tal proposta, instigados pela ebriedade do vinho, os convidados começaram a uivar e a bater na mesa com os talheres.

Apanhado de surpresa, John aproximou-se de Isaac, sorrindo-lhe com naturalidade. Senhor Dee, o que achou do vinho de hoje, perguntou, apontando para uma garrafa de vinho. E das carnes, perguntou, apontando para os restos de um vitelo esquartejado numa travessa. Confuso, Isaac respondeu com sinceridade, não percebendo que o truque de John já começara. Enquanto Isaac focava a atenção na voz, na ponta do dedo e nos objectos apontados, John enfiava a outra mão sorrateira nos bolsos de Isaac, furtando-lhe o relógio

de bolso e a cruz, e poisava os seus dedos na mão e no ombro de Isaac, removendo-lhe com ligeireza as pulseiras, anéis e colares que ele costumava ostentar. À medida que furtava, erguia os objectos nas costas de Isaac para que os restantes convidados lograssem vê-los.

Tal como os outros convidados, também Sophie bateu palmas. Até então, nunca dera importância a John Kelley. Quando o vira pela primeira vez, estranhara que Edward fosse permanentemente seguido por aquele vulto, mas habituara-se a ignorar a sua presença. Pensava que John era baixo, deformado e maltrapilho, causando-lhe um certo repúdio. Não era como os outros empregados, que também eram baixos, deformados e maltrapilhos, mas entravam e saíam apenas para trazerem e levarem travessas de comida e bebida, mantendo-se distantes o resto do tempo. No entanto, quando viu aquela exibição, Sophie começou a sentir alguma curiosidade. Descobria que John não era apenas o corpo que revelava nos banquetes. Acalentava também segredos por descobrir.

No final, quando John mostrou os pertences a Isaac, ele não se mostrou enraivecido. Após compreender o sucedido, também ele começou a rir e a bater palmas. John nunca o vira assim. Quando John era jovem, parecia que era fonte de preocupação e tristeza para todos, mas agora conseguira não apenas alegrar Edward, mas até o próprio Isaac. Relembrando os eventos recentes, John não estava seguro se merecia tal mudança.

8.

John lembrou como, graças ao seu trabalho, Edward voltou a conquistar alguma jovialidade. Já sentia alento para abandonar o quarto, para ver outras pessoas. Já não sentia mais ignomínia da sua condição. Inicialmente, Edward começou por surgir nos banquetes que Isaac organizava na sua residência. Conversava e sorria, dando grande alento a Isaac.

Quando foi apresentado a Sophie, ela, sentindo algum medo daquele corpo amorfo e deformado, retraiu um passo. Muito prazer, menina, disse Edward com um sorriso, calando parte dos tumultuosos sentimentos que ebuliam dentro de si. Temendo ser indelicada, Sophie curvou-se ligeiramente e tomou uma das mãos do anfitrião, olhando-o momentaneamente nos olhos, embora tenha pensado secretamente que desejava afastar-se dele e regressar ao seu assento.

Dias depois, Edward transpôs também aquelas paredes que lhe amparavam o sol e o vento, passeando pelo jardim que ficava

entre a mansarda e o muro que a separava do mundo exterior, a ganhar coragem para pedir ao pai e a John para sair além do muro, com o desejo de ver o bosque e o mar de que tanto gostava. No bosque, pedia a John para colher flores, de modo a poder cheirá-las de mais perto, e frutos silvestres para saborear. Junto ao mar, pedia-lhe para apanhar búzios e encostá-los aos seus ouvidos para poder sentir as ondas.

Perdoai-me, Edward, sussurrou John nesse dia, quando regressaram aos limites do muro da casa. Passeavam por entre os pomares e, vendo as macieiras cheias de árvores, ele era incapaz de evitar rememorar o passado, quando, após andar sem rumo a procurar trabalho, construía a cadeira de rodas em que Edward se sentava.

Contrariamente às esperanças infantis que John alimentava, Edward não convalesceu. Permaneceu eternamente deitado de barriga para cima e de cabeça revirada. Com o tempo, a inércia e a falta de sol e de ar puro, o ventre de Edward foi intumescendo e a sua pele começou a parecer mais ressequida. John, que tivera inúmeras oportunidades para pagar pelos seus pecados, continuava sem ser punido. O seu único e maior castigo era o destino não ter feito recair qualquer castigo sobre si, não o ter obrigado a carregar a sua cruz.

Apesar de tudo, graças ao acidente, John e Edward começaram a ter uma relação menos secreta do que no passado. Vendo que Edward conversava, sorria e parecia mais esperançoso na presença de John, Isaac aprovou a presença dele em casa. Ele, porém, sentia-se constrangido. Afinal, era por sua causa que Edward estava naquela condição. Isaac não o sabia e Edward, embora o soubesse, perdoara-lhe. Porém, John sentia-se inábil para acompanhar Edward e vê-lo hirto sem rememorar o momento que quase só ele presenciara.

9.

John percebia que, embora corresse, trepasse árvores e nadasse, a sua mente se encontrava muito mais débil, assaltada por emoções e memórias contraditórias. Pensava frequentemente em Edward, na condição dele, no desespero por não poder fazer uso do corpo com que nascera, na tristeza de permanecer fechado num quarto. John não conseguia sequer ter a certeza se ele estava vivo ou morto. Tudo o que sabia de Edward era o que lhe contavam as outras pessoas, que nem sequer o conheciam, e tinham somente ouvido falar dele através de bocas alheias. Era por isso que sentia que tinha de visitá-lo.

O que quereis daqui, perguntou o porteiro dos Dee, vendo John diante do portão. Gostaria de visitar Edward, respondeu-lhe, tímido. O porteiro abanou a cabeça. Sai daqui e metei-vos na vossa vida, rapaz. O meu pai trabalhou aqui durante muito tempo, senhor, disse John, tentando dissuadi-lo. Conversei e brinquei com Edward muitas vezes. De certeza que ele ficaria contente por ver-me. Ninguém ficaria contente por ver-vos, retrucou o porteiro, a não ser estendido numa cova. No mínimo, apresentai a minha súplica para consideração do senhor Dee, insistiu John. Por favor, implorou por fim, ajoelhando-se no chão e juntando as palmas das mãos. O porteiro acedeu finalmente às suas preces. Ausentou-se durante momentos, regressando depois com Isaac, que mostrava o mesmo trejeito austero de sempre. O que desejais, perguntou Isaac num tom descortês. Ouvi falar na tragédia que recaiu sobre Edward, replicou John. Como me preocupo com ele e sei que se sentiria melhor com a minha presença, peço-vos permissão para uma visita.

Numa outra ocasião, Isaac tê-lo-ia recusado, mas, naquele momento, pensou antes de fazê-lo. No passado, quando Edward era são de corpo e de mente, sempre tentara afastar John, que julgava ser uma má influência. Estava ainda vivo e nítido na sua mente.

John procurava Edward, que se fora esconder, por entre os pomares. Ouvindo passos discretos ao seu lado, para lá de uns arbustos de amoras, saltou repentinamente e agarrou numa figura que se escondia do outro lado, apertando-a com força e empurrando-a. Apanhei-vos, bradou. No entanto, percebeu rapidamente que não agarrava num corpo do seu tamanho, mas numas pernas maiores e mais encorpadas do que as suas. Eram as pernas de Isaac, que, inexpressivo e destemeroso, se ajoelhou e começou a afagar os cabelos de John com uma mão. Na outra mão, empunhava um chicote. Afastai-vos dele, exclamou Isaac num tom ambíguo que tanto podia indicar um pedido, como uma ordem. Esforço-me tanto por amestrá-lo. Não permitirei que alguém como vós o desencaminheis, nem que, para isso, tenha de enviar-vos a vós e ao vosso pai para longe desta terra.

No entanto, Edward andava tão desiludido com o destino e com a vida que Isaac pensou que poderia contrariar os seus princípios, que faria de tudo para o filho se sentir mais satisfeito, mesmo que tivesse de pedir o auxílio de John. Abri o portão e deixai-o entrar, ordenou Isaac ao porteiro.

Era a primeira vez que John entrava naquele espaço sem ser na condição de clandestino ou de filho do senhor Kelley, o antigo jardineiro, e sentia-se culpado por fazê-lo, pois nos últimos dias tentara olvidar o seu envolvimento no sucedido e procurara

regressar à normalidade da vida vadia. Enquanto atravessava o pátio e os corredores, John pensava como os dias tinham passado sem que a culpa tivesse recaído sobre si.

Edward desaparecera subitamente da vida pública. Por vezes, John via a carroça de Isaac passar pelos caminhos da aldeia. Lá dentro, angustiado, ia apenas Isaac, relembando a mensagem que recebera havia pouco tempo.

O servo entrou com o recado do mensageiro no quarto de Isaac, que estava ainda deitado, e desenrolou um rolo de pergaminho, dizendo, O senhor Daniel Trismegisto lamenta anunciar-vos uma tragédia. Esta manhã, o menino Edward Dee foi apanhado a roubar frutas de árvores na sua propriedade, tendo caído de um ramo e magoando-se severamente. Quando ouviu tais palavras, Isaac ergueu-se em sobressalto. Certamente, tratava-se de um mal-entendido.

Nos momentos em que Isaac passava, John corria e escondia-se atrás de uma árvore, de uma casa, de uma banca de comida do mercado. Do seu esconderijo, via que, ao contrário do que acontecia no passado, Isaac nunca vinha acompanhado de Edward. Talvez ele tenha batido com a cabeça e se tenha esquecido de que estávamos juntos, pensava John. Talvez eu seja o único que conhece a verdade.

Confiando que permanecia livre, que ninguém o apanharia nem condenaria, John tornou a sair à rua, a correr pelos caminhos da cidade, a descansar nos ramos das árvores do bosque, a banhar-se desnudado nas águas do mar, alegrias que imaginara que nunca mais sentiria. Deitado na areia de barriga para cima, lembrou momentaneamente as palavras que dissera ao pai há pouco tempo e riu-se.

10.

Quando abriu a porta de casa, John esperou encontrar o pai ainda adormecido, mas encontrou-o já de pé, olhando com uma expressão vazia pela janela. Tinha o rosto engelhado de fadiga e os cabelos despenteados de indiferença. Onde haveis estado, perguntou-lhe, esperando também indiferença por parte de John. Dessa vez, porém, John surpreendeu-o. Aproximou-se de si e abraçou-o com força, como não fazia há muito tempo, talvez como nunca antes fizera. Nesse momento, o senhor Kelley lembrou o momento em que John nascera.

Lamento imenso, senhor Kelley, disse a parteira, pesarosa.

A criança nasceu forte e saudável. A sua esposa, porém, não resistiu. Ainda descrente, sentindo uma mescla de alegria e de

tristeza, desconhecendo qual o sentimento que se sobrepunha, o pai de John penetrou serenamente no quarto. Na mesma pequena cama parcamente iluminada pela luz matutina que entrava pela janela, cabiam a vida do filho e a morte da esposa. Primeiro, tomou o rosto esquelético dela e afagou-lhe os cabelos. Era a última vez que o faria. De seguida, agarrou no recém-nascido ainda coberto de sangue e, abraçando-o com a força que agora, muitos anos mais tarde, John lhe devolvia.

Primeiro, o senhor Kelley sentiu-se exultante, mas rapidamente pensou que deveria ter ocorrido alguma adversidade, pelo que afastou os braços de John e lhe perguntou, em que vos haveis metido desta vez? Nesse momento, veio-lhe à mente uma situação em que John se envolvera recentemente.

O senhor Kelley ainda dormia quando alguém bateu violentamente à porta. Era Nicholas de Meung, que trazia John por uma orelha. John contorcia-se de dor e de esperança de conseguir fugir. O que se passou, senhor Meung, perguntou. O vosso filho entrou na minha casa, grunhiu Nicholas. Roubou os melões que tinha acabado de apanhar e acordou o meu filho adormecido. Ouvindo aquelas palavras, o senhor Kelley esboçou um trejeito de cólera. Agarrou no braço de John e puxou-o para dentro de casa. Ficai descansado, senhor de Meung, assegurou. Administrar-lhe-ei a disciplina que merece. No entanto, quando Nicholas se despediu e a porta da casa se fechou, o senhor Kelley nada fez. Afinal, como poderia magoar o seu único filho, a única pessoa que lhe restava na vida?

Com a mesma eloquência com a qual dissuadia Edward, John dissuadiu também o pai, dizendo-lhe que não fizera nada, que fora tomar banho sozinho ao mar e que, na solidão e no silêncio, pensara profundamente. Pensara em si próprio, no pai e na mãe que nunca conhecera. Decidira que não desejava mais ser assim, um arruaceiro, um vadio. Cresceria íntegro e honesto e traria felicidade ao pai. Apesar das palavras promissoras, John não logrou dormir durante toda a noite. Sempre imaginou que alguém viria bater à porta de casa, talvez Isaac Dee, que o viria punir pelo crime imperdoável que cometera.

II.

As figuras de duas crianças desenharam-se na imaginação de John. Ele e Edward atravessaram a aldeia ao mesmo tempo que o sol iniciava a sua procissão pelo firmamento. No bosque, apanharam e comeram amoras silvestres. Saciada a fome, correram até à praia,

O HOMEM QUE LIA O PENSAMENTO



1.

Cleópatra já dorme. Levanto-me com cuidado para a cama não estremecer e o chão não chiar. Demoro algum tempo a escolher a roupa e os sapatos que usarei hoje. Ao sair, passo pelo quarto de Raymond, que dorme também. Um dia, farei com que vos orgulheis de mim, afianço silenciosamente.

No caminho até à rua, encontro o cão. Está desperto. Levanta o focinho e depois as orelhas. Por momentos, julgo que abrirá a boca e que me denunciará. Como se lhe lesse o pensamento, levo um dedo aos lábios e esboço um trejeito de ira. Se me denunciardes, torcer-vos-ei o pescoço. Foi Raymond quem o trouxe. Trabalhava no campo, quando o viu diante de si, olhando-o com tristeza e tão desesperado por saciar a fome que se sentia já disposto a trocar a carne pelos vegetais crus e ainda escurcos que Raymond colhia. Tinha uma infecção numa pata, mal conseguindo andar. Apiedando-se dele, Raymond trouxe-o e sanou-lhe o ferimento com uma loção que Jean Dubois lhe deu.

Quando o cão convalesceu, não foi novamente mandado para a sua casa, que era a rua. Sempre me opus à sua presença. Come a minha comida, bebe a minha água, dorme sob o meu tecto. O seu

ferimento, mais do que um infortúnio, fora uma bênção. Oxalá fosse também tão fácil para mim. Se soubesse que me dariam de comer, de beber e um aposento onde morar, infligiria ferimentos a mim próprio. Mas, apesar de dizerem que Deus criou o homem à sua imagem e a mulher à imagem do homem, o melhor é ser-se um cão. O ser humano é melhor dono e mestre dos animais do que Deus é dono e mestre do ser humano.

O ar da rua está frio. Faz pouco tempo que choveu. Numa tentativa de manter os sapatos limpos, procuro desviar-me das poças de lama que se formaram no chão. As ruas estão desocupadas. Toda a Coclagne parece dormir. Desde que Bernard Poisson foi encontrado morto numa sarjeta, as pessoas têm reservas em sair à rua, principalmente à noite, quando o assassino incógnito poderá voltar a atacar encobertamente. Vejo somente a minha sombra reflectida nas paredes e o meu reflexo na água enodoada. No entanto, quando abro a porta da taverna, o mundo acorda subitamente. A intensa luz de dezenas de lamparinas inunda-me. Quando a vista se habitua, vejo os gestos velozes da azáfama de homens apurados e mulheres meio despidas. Eles atiram cartas, dados e moedas. Elas dançam como estátuas no topo de pedestais. Num espaço mais afastado, um bando de jograis toca e canta.

Caminho por entre as mesas, buscando um assento vago. O meu olhar cruza-se com o de Sabine. Como as outras, está em cima de um pedestal, dançando com movimentos de pássaro. Não é a primeira vez que me olha assim. Pergunto-me se sentirá lascívia por mim ou se tenta apenas cativar-me para me afanar o pouco dinheiro que trago.

Discreto, sento-me numa das mesas com um assento vazio. Jogam póquer e, ao mesmo tempo, bebem aguardente e fumam charutos. Bons olhos vos vejam, Nicholas, exclama Eugène Vigenère, o ferreiro afamado pelas espadas que fabrica, passeando-se sempre, por soberba, com uma à cintura. Haveis vindo oferecer-me mais algum do vosso dinheiro, pergunta-me. Não espera pela resposta. Ri a bandeiras despregadas, assim como os companheiros. Cleópatra saberá porventura que estais aqui? Ou haveis-vos escapulado, pergunta Jean Dubois, o terapeuta. Aposto que lhe haveis dado um soporífero, escarnece François Penot, o cobrador. Negligencio tais injúrias, limitando-me a pensar que, um dia, quando tiver dinheiro, farei com que todos, Eugène, Jean e François me caiam aos pés. Porém, neste momento, indigente como sou, possuo apenas autoridade para pensar.

Levo a mão ao bolso para revelar algumas notas e moedas, o dinheiro que Cleópatra ganhou a vender legumes no mercado.

Eugène, Jean e François recebem novas cartas. Olham-nas discretamente e poisam-nas de imediato sobre a mesa. Parecem confiantes, subindo as apostas. Inquieto, só então olho para as minhas cartas. Um par de reis. Devíeis ir ao terapeuta, Nicholas, insinua Eugène num tom debochado, olhando de esguelha para Jean. Estremeceis demasiado. Talvez por carência de uma boa nutrição.

Fazendo de conta que tal comentário não me importuna, subo a aposta. Surgem as primeiras cartas, nenhuma delas um rei. Uma delas, porém, é um ás. Jean desiste, atirando as cartas para cima da mesa. Contudo, impassíveis, tanto Eugène como François sobem a aposta. Pergunto-me se algum deles terá outro ás? Olho-os fixamente nos olhos na esperança de que, como as palavras, também eles sejam símbolos e acusem os segredos que guardam na alma. Não tenho sucesso. Imito-os. François desiste, mas Eugène não. Surge uma quarta carta. Um novo ás. Estoico, Eugène volta a subir a aposta. Deve mesmo ter um ás. Se assim for, terá neste momento um trio. Sinto que transpiro. Gostava que os jograis se calassem. Cortam-me o pensamento.

Não querendo desistir e perder algum do dinheiro que apostei, prossigo. Quando vejo uma figura surgir na última carta, sinto um aperto no peito e um cortar da respiração, mas o entusiasmo esmorece rapidamente. Não é um rei, mas um valete. Sem hesitar, Eugène torna a subir a aposta. Convenço-me de que esconderá um ás.

Desisto, digo, após pensar e duvidar durante muito tempo. Atiro as cartas para cima da mesa, revelando os meus dois reis. Por complacência ou troça, também Eugène me revela as suas cartas. Um par de dois. Não há mais nenhum dois em cima da mesa. O dinheiro pertencia-me, mas agora foge para as mãos de Eugène. O dinheiro que Cleópatra ganhou vendendo legumes. Os legumes que Raymond colheu. Continuo a jogar. Um dia, o esmero e a perseverança serão premiados.

Poucas jogadas depois, não tenho mais dinheiro para apostar. Ganhei apenas uma mão, mas os meus três adversários desistiram rapidamente. Vamos, Nicholas, levantai-vos, exorta François com o mesmo sorriso com o qual me recebera. Ocupais o lugar de pessoas com mais aptidão e posses do que vós.

Desejo responder, mas não sinto forças para tal. Desconsolado, levanto-me e abandono a taverna. Noto que Sabine me observa, mas ignoro-a. Como não sou um marido nem um pai pérfido, nunca lhe responderei aos chamamentos.

No caminho de regresso, penso no futuro. Quando chego a casa, vejo que Raymond e Cleópatra ainda dormem. Só o cão vem ter comigo, abanando a cauda e lambendo-me. Nauseado, afasto-o, mas

depois, não tendo mais nenhuma companhia na escuridão e solidão da noite, ajoelho-me no chão e puxo-o para mim. Sou uma pessoa ou um cão, sussurro-lhe. Julgava que as pessoas se distinguiam dos animais por aprenderem com os erros.

Quando chego à cama, Cleópatra revira-se lentamente e cinge-me nos seus braços. O que lhe direi amanhã de manhã, quando acordar e perceber que o dinheiro que ganhou já não está connosco, mas na mão de três homens perversos. Estou prestes a adormecer. Parece que eles quase me lêem os pensamentos, que sabem o que escondo nas mãos, mas eu não logro decifrar-lhes as expressões. Sinto-me de tal modo cansado. Se conseguisse ler-lhes verdadeiramente o pensamento, ouvir as palavras que sussurram silenciosamente para eles próprios, não haveria maneira de me derrotarem. Tornar-me-ia no melhor jogador do

2.

Ouvindo as minhas palavras, Cleópatra fecha os olhos e respira fundo. Raymond está encostado a um canto. Não sei o que lhe vai no pensamento, mas, dado o facto de ainda ser um jovem, calculo que saiba que não deve contrariar-me. Quem sabe, quando for adulto, também gritará comigo, desdenhar-me-á, violentar-me-á. Não sei o que fazer convosco, Nicholas, esgoela Cleópatra. Não pensais em mim? Não pensais no nosso filho? Sim, penso para mim próprio. Penso que um dia o dinheiro será abundante, que poderei dar à minha família a vida que sempre desejei. No entanto, sabendo-os infrutíferos, não vocalizo tais pensamentos.

Cleópatra não fala mais. Não me desejando junto a si, sai de casa. Subtil, também Raymond tenta descolar-se da parede e desertar. Raymond, evoco-o. Quando se é pequeno, dão-nos sempre renovadas oportunidades. É o período certo para se errar, aprender-se com os próprios erros. Espero que aprendeis com os vossos erros para serdes íntegro para convosco e para com os demais. Sim, pai, diz Raymond com segura, afastando-se.

Observo Cleópatra através da janela e pergunto-me em que pensará. Tal como eu, parece que alimenta esperanças de um futuro mais propício. Tenho esperanças constantes de que o jogo me renda. Ela tem esperanças na minha emenda. Parece-me que a vida mudou tanto desde a nossa juventude, quando nos sentíamos como duas almas cúmplices. Deitados na terra húmida do bosque ou no areal da praia, entreolhávamo-nos e, mesmo sem palavras, quase lográvamos decifrar os pensamentos recíprocos. Em que estais a pensar, perguntávamos, somente em jeito de confirmação. Só que

o afecto, ao contrário das línguas faladas, é uma língua que, em vez de se aprender, se desaprende aos poucos. Hoje, os pensamentos de Cleópatra quase se me afiguram como um idioma estrangeiro, ininteligível. O meu pensamento sente-se mais só, como um eco numa caverna sem fundo.

É um discernimento que me tem confrangido ultimamente. Será possível conhecerem-se os pensamentos alheios? Raramente me preocupei com tais questões. Sempre as julguei abstractas, remotas da vida, que já tanto custa ser vivida. No entanto, tal solução resolveria decerto todos os problemas que me afligem. Lograria vingar-me de Eugéne, Jean e François e alegraria Cleópatra e Raymond. Dirijo-me à igreja para confessar o meu vício e buscar conselho junto do padre Zózimo Flamel. Meu filho, nunca ouvi falar de nenhum caso de alguém que lograsse ouvir pensamentos alheios. Ouvi apenas falar de pessoas que diziam ouvir os mortos. Ouvindo as palavras do padre, penso que esse dom também me seria proveitoso. Talvez Bernard Poisson pudesse falar comigo e revelar-me a identidade do seu assassino.

Após a confissão, Zózimo leva-me à sua biblioteca, onde guarda vetustos livros escritos por teólogos, místicos e alquimistas. Não sabendo ler, limito-me a folhear as páginas e a observar os aterradores desenhos com paisagens bucólicas, homens e mulheres deformadas, sóis e luas antropomórficos e criaturas quiméricas. Zózimo lê outros livros sobre curas e capacidades humanas umbáticas. Lê durante muito tempo, pelo que, quando encontra o que procura, já precisa de ler à luz das velas. Aqui está, diz. Denis Barnaud. Conheceis? Denis Barnaud, repito. Um homem estranho que sempre soube muito sobre o cosmos, mas sobre quem quase ninguém nunca soube nada. Zózimo estende-me o livro, apontando para um rascunho traçado com uma pena. Viveu grande parte da vida fechado no quarto, buscando grotescos fenómenos e realizando inauditas experiências. Vejo que o dedo de Zózimo poisa sobre o desenho de um pássaro branco.

Um pássaro, pergunto. Sim, um pássaro diáfano como a neve e com a ponta das asas e da cauda das cores do arco-íris, continua Zózimo. Diz-se que é muito pequeno, mas que tem uma voz fragorosa. Quem a ouvir, ficará momentaneamente privado da audição, mas, quando os ouvidos sararem, essa pessoa logrará não somente ouvir a voz de quem fala, mas também os pensamentos de quem cala. Escrutino com maior reparo o desenho do pequeno pássaro branco com penas coloridas nas extremidades. Diz mais algo sobre ele, pergunto, enlevado. Diz porventura onde poderei encontrá-lo? Não, responde-me Zózimo. Diz apenas que apesar de

parecer cobiçável, este pássaro trouxe enorme desdita a quem logrou encontrá-lo. Franzo o sobrolho. Desdita? Como é que conhecer-se a alma das pessoas, saber quando falam a verdade e mentem, pode causar desdita?

Vou encontrar este pássaro, prometo. Apercebendo-se do meu embevecimento, Zózimo poisa-me uma mão sobre o ombro. Meu filho, muitos destes livros contêm mentiras ou devaneios. Não tenhais esperança de algum dia encontrar esta criatura. Mesmo que exista, não espereis que ele logre transmitir este dom. Senhor padre, não sabeis porventura de mais ninguém que me possa auxiliar, pergunto, tomando os braços de Zózimo. Não podereis contar com Denis Barnaud, um asceta que se esquia do contacto físico ou oral com outras almas, descarta Zózimo. Consigo pensar somente em Bottger. Quem, pergunto. Hennig Bottger, um erudito que trabalha para Hermes Brand e que se ocupa destas questões misteriosas, conclui Zózimo. Baixo a cabeça, desalentado. Hermes Brand é o senhor de Cocagne e das terras vizinhas, pelo que, dada a minha baixa condição, jamais poderei nutrir a esperança de entrar no seu castelo.

3.

A partir do dia em que me encontrei com Zózimo Flamel, além de escapulir-me durante a noite para dirigir-me à taverna, comecei também a desaparecer frequentemente durante o dia. Vou ao bosque, local onde penso ser mais provável encontrar o pássaro de que Zózimo falou. Não desejando estar longe da família, convido Cleópatra e Raymond para me acompanharem. Cleópatra traz uma cesta com comida e, quando a cesta já está vazia, ocupa-se a enchê-la novamente, com frutos e flores selvagens. O cão também nos segue. Pela primeira vez, penso que, mais do que um fardo, ser-me-á uma assistência, pois o seu súpero faro poderá auxiliar-me na demanda do pássaro.

Parece-me que tanto Cleópatra como Raymond estão mais satisfeitos comigo. Desconhecem a razão pela qual os trago até aqui. O que vos deu, Nicholas, pergunta-me Cleópatra, quando estamos sentados a comer e enquanto Raymond brinca com o cão, atirando-lhe um galho ressequido. Por que razão desejais tanto trazer-nos aqui? Por nenhuma razão, minto. Gosto de estar aqui. Felizmente, Cleópatra não consegue ler-me o pensamento e não coloca mais questões, dado estar sobretudo satisfeita por eu não jogar mais.

De quando em quando, eu e o cão observamos pássaros por entre as árvores e arbustos, alguns deles criaturas insólitas, de formas

e cores que nunca vi. Quando se apercebem da minha presença ou do meu interesse, voam atropeladamente, desvanecendo-se entre as incomensuráveis folhas do bosque.

Decorreram vários meses desde o meu encontro com Zózimo. Já enfatiados das frequentes idas ao bosque, Cleópatra e Raymond deixaram de acompanhar-me com a mesma frequência do passado. Cleópatra já nem distingue a minha obsessão em ir ao bosque, de dia, e à taverna, à noite. Pensa que, pelo menos, a segunda tem uma razão palpável. No entanto, no bosque, parece-lhe que não existe nada de desejável, apenas ervas daninhas e criaturas que podem afligir-nos. Porém, carrego a esperança constante de conseguir o que desejo, esperança que se transforma numa persistência insuportável para os outros. Comecei inclusivamente a mentir. Digo que vou trabalhar para o campo ou comprar comida ao mercado. Conheço já a tardia e modesta decorrência do trabalho e das idas ao mercado, vida que se repete sem promessa de fim nem mudança. No entanto, quando me fecho na taverna ou me perco no bosque, sei que a vida poderá sofrer um volte-face repentino.

4.

Como é já costumeiro, Cleópatra e Raymond não desejaram acompanhar-me ao bosque. Cleópatra contou-me que estava cansada, que preferia ficar em casa a repousar, e Raymond que preferia ficar em Cogne, onde se sente seguro. O bosque, por contrário, parece-lhe um lugar inóspito. Trago somente o cão comigo. Faz ainda parte da natureza, parecendo sentir um êxtase inesgotável quando percebe para onde nos dirigimos. Assim que as habitações desaparecem e as incomuns fragrâncias do bosque começam a planar, a cauda do cão abana e as patas levam-no a todos os recantos, talvez para cheirar o rasto de outros animais. Já vos ofereci comida e bebida que eu próprio poderia ter consumido, digo-lhe em tom de ameaça. Já impedi que morrêsseis ao frio e à chuva durante várias noites. Era altura de fazerdes também algo por mim.

O tempo passa e, com ele, a esperança mirra. Caminho já cabisbaixo, olhando para os pés e para a terra que eles pisam. Desejo somente regressar a casa e deitar-me. No entanto, a certa altura, reparo que o cão não me segue mais, que fica para trás. Viro-me. Vejo que está hirto como uma árvore, de focinho erguido. Incapaz de ler o que lhe vai no pensamento, sigo-lhe a direcção do olhar. A minha vista recai sobre o ramo de uma árvore distante. Nela, está poisado um pequeno pássaro branco com as penas das cores do arco-íris, na ponta das asas e da cauda, tal e qual como o vi ilustrado no livro do

padre Zózimo. Sinto um aperto no peito maior do que quando jogo na taverna. O cão emite um latido de ameaça. Enraivecido, levo uma mão aos lábios. Calai-vos, digo num tom entre o sussurro e o grito.

Quando me viro, vejo que o pássaro ainda não fugiu, embora mexa sofregamente o bico, incomodado com a nossa presença. Abro a mala que levo a tiracolo, retirando uma mão-cheia de alpista. Vinde, convido numa voz ameigada, enquanto me avizinho vagarosamente. Vede o que tenho para vós. O pássaro continua irresoluto, sem saber se há-de fugir ou confiar. Deixa que eu me aproxime e fique debaixo do ramo onde está poisado, com a mão erguida para os céus.

Vendo a alpista na minha mão, o pássaro ganha confiança e, abrindo as asas, desce até mim, começando a bicar os grãos de alpista. Enquanto está absorto, baixo a palma da mão até à altura da vista, tapando-a abruptamente com a outra mão. Encarcerado, o pássaro começa a bater as asas com força, procurando escapulir-se. Também o cão baixa as patas dianteiras e começa a ladrar. Vendo que os movimentos são vãos, o pássaro abre o bico e solta um pio estrepitoso. Sinto uma dor de tal modo pungente nos ouvidos que, por momentos, quase me sinto perder a consciência. Atordoado, abro as mãos e levo-as à cabeça, mas não logro equilibrar-me, caindo de joelhos no chão.

Quando volto a mim, percebo que o pássaro já não está nem nas minhas mãos, nem no topo do galho nem sequer no meu raio de visão. Fugiu. Viro a cabeça e vejo que o cão continua a latir, mas não ouço a sua voz. Vejo apenas a boca a abrir-se e a fechar-se. Tudo se transmutou em silêncio.

Amedrontado, levanto-me num sobressalto e começo a bater as palmas, a pontapear os troncos das árvores, a gritar do fundo das entranhas, mas não escuto nada, nem mesmo a minha voz retumbando no meu crânio. Apoiado a uma árvore, pergunto-me se perdi a audição. Não posso regressar a casa sem conseguir ouvir as palavras de Cleópatra e de Raymond. Numa tentativa de me apaziguar, sento-me encostado a um tronco e afago o cão.

Minutos depois, a audição regressa paulatinamente. Ouço a minha respiração, o som das folhas das árvores a respigarem com o vento e o assobio de pássaros invisíveis, sons rotineiros aos quais antes nunca atentara, mas que agora me parecem a mais etérea das melodias. Lograrei também ouvir pensamentos, questiono-me. Não vejo ninguém derredor. Curioso, agarro no focinho do cão e viro-o para mim, perguntando-lhe silenciosamente, Conseguis pensar? Pensais através de palavras como nós? Ou pensais antes numa língua estranha que só os cães compreendem? Não ouço resposta.

Sinto algum receio em regressar ao coração de Cocagne, mas sei que não posso ficar eternamente no bosque, pelo que me ergo novamente e principio o meu regresso. Estou ainda perdido por entre as árvores, quando escuto uma voz distante.

Não vale mais a pena. Não sou ninguém. Nunca serei ninguém.

Quando me volto na direcção da voz, vejo um homem perigosamente sentado à beira de um precipício. Zeloso, aproximo-me.

Mais vale acabar com toda a agonia, todas as incertezas sobre o amanhã.

Ouço-lhe a voz, mas percebo que os lábios não se movem. O homem levanta-se. Vai saltar. Dá o primeiro balanço. Esperai, bramo, estendendo uma mão e correndo na direcção dele.

Não salto. Intimidado com tão intempestivo grito, olho para o lado. Um homem e um cão aproximam-se de mim. Não dei pela presença deles anteriormente.

Porque estais aqui sozinho, pergunto, sentindo-me com carência de doudas palavras para exprimir em tal momento. Posso auxiliar-vos?

Não posso dizer que ia saltar do precipício. Não vos preocupeis, senhor, digo. Fazia apenas uma caminhada pelo mato e detive-me junto a este precipício para contemplar a paisagem. Obrigado por me haverdes alertado para o perigo iminente. Estava de tal modo embevecido com o panorama que nem percebi que estava prestes a cair. Porque é que minto, pergunto a mim mesmo. Terei vergonha de mim próprio até este ponto? Terei vergonha, não apenas da vida, mas também da morte?

Ainda incapaz de distinguir palavras de pensamentos, envolvo um braço em torno dos ombros do homem e puxo-o para longe do precipício. Sei como vos sentis, senhor... senhor... Johann Friedrich, diz-me ele. Chamo-me Johann Friedrich. Sei como vos sentis, senhor Johann Friedrich, concluo. Também já senti diversas vezes que nada fazia sentido. Só a esperança me manteve vivo. Johann Friedrich afasta-se de olhos arregalados, aviltado por descobrir que os seus mais íntimos pensamentos tinham sido postos a nu.

O que está este homem a dizer? Como sabe que os meus pensamentos não condizem com as minhas palavras? O melhor é continuar a sorrir, fingir que nada acontece. Não sei o que insinuais, digo. Está tudo bem. Ia voltar agora para casa. Vivo em Cocagne. Subitamente, eis que, sem querer, este estranho me salvou a vida, não sei se para o meu bem ou se para o meu mal.

Se não fosse este novo dom que o pássaro me transmitiu, teria passado ao lado deste homem sem dar pela sua presença, teria

deixado que se atirasse precipício abaixo e findasse a vida sem qualquer laivo de esperança. No entanto, desacostumado desta aptidão, é-me ainda difícil distinguir palavras de pensamentos, mesmo atentando aos movimentos dos lábios. O melhor é não dar a entender que lhe conheço os pensamentos, salvar-lhe a alma unicamente através de gestos e palavras. Sabeis, contar-vos-ei uma verdade que me desonra, mas que tenho de contar a alguém. Como o senhor Johann foi a primeira pessoa que encontrei, ides ter a fortuna ou o infortúnio de ouvir-me. Tenho vergonha de mim próprio. Por vezes, sinto uma profunda angústia. Sou dependente do jogo. É muito o dinheiro que já perdi. Humilhei-me a mim próprio e, pior, humilhei muitas vezes a minha família. No entanto, hoje, por fim, eis que a minha vida mudou.

Chegamos a Cocagne. Não quero ser visto a chegar acompanhado do bosque. Chegou o momento de nos separarmos, mas a verdade é que este homem fez com que eu me sentisse melhor. É incrível como nos acompanhamos sempre a nós mesmos e pensamos que nos conhecemos melhor do que qualquer outra pessoa, mas, subitamente, eis que surge um desconhecido que nada sabe sobre nós e consegue chamar-nos à razão. Vou por aqui, digo, apontando numa direcção. Obrigado pelas vossas palavras, senhor... senhor... Nicholas, responde-me ele, estendendo-me uma mão. Nicholas de Meung.

5.

Chegado à aldeia, confronto-me com uma sublevação. Ninguém grita, corre ou ataca. A vida segue normal, lenta e silenciosa. Porém, dezenas de meândricos pensamentos saturam-me os ouvidos.

O céu começa a escurecer. Talvez deva voltar para casa antes do Albert chegar. O que irei fazer para o jantar? Temos alguma comida armazenada. Talvez fosse melhor passar primeiro pelo mercado.

A Marie tarda em convalescer. Já lhe administrei todas as ervas aconselhadas pelo terapeuta Jean Dubois, mas ela continua confinada ao leito, esquelética e de respiração arquejante. Tenho medo de um dia entrar em casa e ela já não estar mais aqui, neste mundo. O que faria sem ela? Seria capaz de voltar a viver, de ser feliz?

Mais um dia que se acaba e ainda não me veio a menstruação. Tenho medo. Estarei grávida? Deitei-me apenas uma vez com um homem, o Louis, por trás do estábulo do pai dele. Desejávamos ambos conhecer inocentemente os nossos corpos. Não nos encontrámos mais. Nunca mais abordámos o assunto.

Nem o meu pai nem a minha mãe me conseguem explicar porque é que, quando o sol está mais forte, o céu é azul. Só quando o sol está mais

fraco, como agora, ao pôr-do-sol, é que ele tinge o céu com as suas cores, amarelo, laranja, rosa, vermelho. Existirá alguém conhecedor da resposta?

Cocagne mudou muito. Quando era criança, existia apenas aqui a casa onde nasci. Essa casa, porém, já desapareceu. Muitas das pessoas com quem agora me cruzo, aquela mulher, aquele homem, aquela jovem e aquela criança, provavelmente nem nasceram a tempo de ver a minha casa. Dantes, conseguia ver o bosque de um lado e a montanha do outro. Agora, quando passeio pelas ruelas mais apertadas, vejo unicamente paredes de pedra.

Perturbado, cubro os ouvidos. Desejo ir para um local mais desafogado, onde impere o silêncio. Troco olhares com o cão. Como eu, também ele olha em todas as direcções, como se o chamassem ou ameaçassem permanentemente. Afinal, também ele ouviu o assobio do pássaro e conseguirá ouvir estas palavras chegando de todas as direcções. Corro para casa. As pessoas à minha volta olham-me com assombro, perguntando-se o que terá ocorrido. Conhecem-me.

Coitado. Deve ter sido o vício que se transmutou em delírio. Decerto, terá perdido a razão.

Chegado a casa, fecho a porta de entrada com força. Do outro lado, embora não lhes consiga perceber o sentido, escuto ainda palavras abafadas. Penso que, quando me habituar a esta sublime faculdade, poderei cumprir todos os meus desejos. Outros animais há que têm uma audição mais apurada do que o ser humano, que são capazes de ouvir sons ínfimos e distantes, não deixando por isso de fazer a sua vida normal. Ouço a voz de Cleópatra noutra divisão. No entanto, não é a voz da boca, mas do pensamento.

Deve ser Nicholas quem fechou a porta. Foi o dia em que chegou mais tarde. Não sei o que se passa. Decerto, alheia-se da realidade. Quer passar cada vez mais tempo entre as criaturas do bosque e cada vez menos tempo connosco. Levantar-me-ei da cama e, por cortesia, recebê-lo-ei, também com a vã esperança de que um dia ele volte a ser quem era. Por vezes, penso que seria mais salutar se ele se perdesse no bosque, se lhe caísse uma árvore ou um penedo em cima, se escorregasse e caísse por um precipício abaixo. Não. Em que penso eu? Não posso nutrir tão obscenos pensamentos.

Cleópatra deseja que eu morra no bosque? Por momentos, sinto um espasmo de cólera perpassar-me a carne, um espasmo ainda maior do que os que costumo sentir contra Eugène, Jean ou François. É com grande esmero que logro domesticá-lo. As pessoas são livres de acalentarem os pensamentos que desejarem. São restringidas somente nas palavras e acções. Afectuoso, tomo Cleópatra nos braços e beijo-lhe a testa. Não vos apoquenteis, Cleópatra. Nunca mais irei ao bosque. Juro. Alcancei já o que desejava.

Não acredito nas palavras de Nicholas. É sempre assim. Abraça-me, beija-me, jura que nunca mais cairá na tentação. Melhor seria se dissesse

10.

Chove impetuosamente. Quando penso que chegarei a casa e que Eugène não estará lá, sinto-me soturna. Sei que tem de trabalhar. Desde o dia do nosso casamento até hoje, tem permanecido um marido devoto e diligente. No caminho do mercado para casa, vejo uma silhueta imóvel no meio da estrada enlameada. Está virada de costas para mim. Julgando-a ameaçadora, afasto-me e mantenho os olhos alerta. Foi neste local, junto a esta vala, que Bernard Poisson foi encontrado morto há semanas.

Perenelle Vigenère, a esposa de Eugène, aproxima-se. Não a vejo, pois estou de costas, mas ouço-a. Vi-a há minutos, no mercado, comprando frutas e vegetais à chuva. Para passar despercebido, visto um longo sobretudo com um carapuço que não deixa entrever qualquer contorno do rosto. Senhora Perenelle, evoco.

Como sabe este homem quem eu sou, no meio desta chuva e neblina que mal me deixa reconhecer os próprios pés? Desejo fugir, correr o mais depressa possível para casa, mas, ao mesmo tempo, sinto uma curiosidade avassaladora. Quem sois, pergunto. Como sabeis quem sou? Não interessa, responde a sombra. Tenho algo para vos contar. O quê? Ide ao quarto número trinta e sete da estalagem. Encontra-se lá algo do vosso interesse. Do meu interesse, repito. Como assim? Na estalagem, pernoitam apenas comerciantes e viajantes estrangeiros. Não reconhecerei ninguém. Está relacionado com Eugène, anuncia o desconhecido. Quem sois, repito, surpreendida por ouvir o nome do meu marido. Bernard Poisson, responde-me ele. Bernard Poisson, titubeio, deixando cair o saco de compras no chão. Sinto... sinto que vou desmai...

11.

Quando recupero os sentidos, o fantasma de Bernard Poisson não está mais presente. Tenho as roupas e a pele cobertas de lama. Embora saiba que é sensato regressar a casa, para evitar adoecer, penso nas palavras de Bernard. Há algo no quarto trinta e sete da estalagem relacionado com Eugène. Como a curiosidade se sobrepõe à segurança, levanto-me, agarro no saco de compras e dirijo-me à estalagem.

O dono da estalagem dorme sonoramente num banco junto à entrada. Em vez de perguntar-lhe quem está no quarto trinta e sete, verifico-o com os meus próprios olhos. Subo paulatinamente as escadas, tendo o cuidado de não ser vista. Do outro lado das portas, por vezes, ouvem-se ruídos, possivelmente viajantes que arrumam as bagagens. Aproximando-me do quarto trinta e sete, os sons parecem diferentes. Ouço uma mulher soltando vagidos, não sei se

de prazer, se de sofrimento. Encosto um ouvido à porta. Parecem gemidos de prazer. Sim, sim, diz ela. Desconheço esta voz. Envergonhada, começo a afastar-me, mais subitamente ouço uma voz conhecida. Não alucinei. Bernard não me mentiu. É a voz de Eugène. Está dentro deste quarto, acompanhado por uma mulher anónima. Sim, responde ele.

Detenho-me por momentos e olho de esguelha para a porta do quarto. Pareceu-me ouvir um pranto suave. Vejo que, debaixo da porta, uma sombra se move brandamente. O que foi? Porque vos haveis detido, questiona-me Sabine. Cubro-lhe rapidamente os lábios com uma mão, apontando depois com o olhar para a porta. Quando Sabine vê a sombra, sinto-a vacilar. Levanto-me e agarro na minha espada, que está encostada à mesa-de-cabeceira. Temerosa, Sabine senta-se na cama e cobre-se com o lençol. Antes de abrir a porta, percebo que quem está do outro lado toca na maçaneta, rodando-a silenciosamente. Quando entra de supetão, ergo a espada num impulso e desfiro-lhe um golpe no ventre, momento em que Sabine dá um salto para trás e emite um guincho estridente. A minha expressão de fúria desaparece rapidamente, transmutando-se numa de incompreensão. É Perenelle. Como é possível, pergunto, incrédulo. Como estais aqui? Incapaz de responder, Perenelle prostra-se no chão, segurando na lâmina que tem cravada no ventre. Olha alternadamente para mim e para Sabine. Perenelle, grito, apercebendo-me finalmente da gravidade do meu erro. Debruço-me sobre ela, segurando-lhe no ventre e na nuca. As minhas mãos ficam rapidamente enodoadas pelo seu sangue. Perenelle fecha os olhos. Meu Deus, clamo. O que é que eu fiz? Alguém... alguém, entaramelo, enquanto pensamentos confusos me assomam à mente. Apenas consigo pensar numa pessoa. Jean Dubois, digo, virando-me para Sabine. Chamai imediatamente Jean Dubois.

12.

Sinto-me ainda incrédulo com o que Jean me contou. Estava em casa, quando recebeu um pedido de ajuda urgente. Eugène apunhalara involuntariamente a esposa na estalagem. Jean chegara a tempo de salvar-lhe a vida. Agora, ela está fora de perigo, mas, enquanto Jean cuidava dela, Perenelle relatara-lhe toda a história. Encontrara o fantasma de Bernard Poisson no caminho entre o mercado e a sua casa. Fora ele quem lhe revelara onde estava Eugène. Jean revelou-me que não era a primeira vez que ouvia falar da aparição de Bernard. Foi por isso que veio ao confessorário. Duvida da vida após a morte. Acredita que, quando o coração desaparece, a alma desaparece juntamente com ele. Senhor prior, acreditais que é possível aos mortos descerem de novo à terra e interferirem na vida dos vivos, perguntou-me. Por momentos, senti dúvidas de como responder. O vosso conhecimento ocupa-se do que é tangível, mas a religião ocupa-se dos mistérios inefáveis,

pelo que não há explicações que possam ser transmitidas por palavras, mas apenas através do silêncio. Desconheço, para além de Cristo, mortos que possam voltar à vida telúrica, *respondi*. O que eu sei é que podem regressar muitas vezes à mente dos que ainda estão vivos. Fazem-no através dos pensamentos, dos sonhos e, acima de tudo, dos remorsos. Muitas vezes, pensamos que são eles próprios, em carne e osso, mas estamos equivocados. Somos apenas nós próprios. Somos nós a nossa maior aparição. Quando as pessoas morrem, uma parte permanece viva dentro de nós, acompanha-nos dia e noite. Zelam por nós como anjos da guarda se tivermos sido bons para elas ou como demónios se tivermos sido maus. *Após o meu sermão, Jean deixou-me com um ar desalentado, tal como se fosse assombrado por um demónio e não zelado por anjos da guarda.*

Aproximo-me do confessionário, mas só dou notícia da minha presença e prostro-me no genuflexório após o padre Zózimo concluir os pensamentos. Desejo confessar-me, digo. Não revelo tudo o que ocorreu. Não revelo que sou a aparição que Jean mencionou. Limito-me a dizer que almejei mais do que aquilo que um homem pode ter e que paguei o preço de tal soberba. Denis Barnaud dizia a verdade, confesso. Encontrar aquele pássaro branco e com penas das cores do arco-íris trouxe-me mais angústia do que conforto. Não tenho mais silêncio. É-me penoso ter os meus próprios pensamentos, visto que ouço sempre os dos outros. Não logro adormecer à noite. Sinto-me incapaz de prosseguir com a vida entre outros seres humanos, pois já nem sequer me sinto como um deles. Venho à igreja antes de me dirigir à taverna, não apenas procurar o perdão pela minha luxúria, mas com esperança de que Deus me ouça, de que me dê uma nova oportunidade de reencontrar o pássaro. Do mesmo modo que me deu este dom, talvez possa também furtá-lo, tornar-me novamente na pessoa simples e insegura que era antigamente. Aprendi a minha lição, senhor prior. Não sentirei mais necessidade de jogar na taverna. Viverei satisfeito com o que possuo e labutarei penosamente para reivindicar o respeito e o apreço de Cleópatra e de Raymond.

Após ouvir uma ínfima parte dos meus pensamentos, o padre Zózimo manda-me rezar pais nossos e aves-marias e assevera que Deus me absolve os pecados. Abandono a igreja cambaleante. Sinto-me débil. Careço de descanso. Prometi a Cleópatra que não voltaria mais ao bosque, mas eis que agora possuo dois novos motivos para regressar. Creio que será somente lá que conseguirei encontrar sossego, apartar-me de qualquer voz humana. Além disso, existe a possibilidade de reencontrar o pássaro.

Dirijo-me à taverna. Quando me acerco e sobretudo quando empurro a porta, o som das vozes, dos pensamentos e da banda de

jograis ferem-me mais do que o aguçado vértice de uma espada. Hoje Sabine não dança. Quando viro a cabeça e olho para a mesa onde costumo sentar-me, vejo que está vaga. Percorro toda a taverna com o olhar. Eugène e Jean estão ausentes. O homem que costuma sentar-se na minha mesa a distribuir cartas passa junto a mim. Tomo-lhe um braço e pergunto-lhe onde estão os meus adversários. Não haveis ainda escutado as notícias, pergunta-me. Abano a cabeça. Jean Dubois entregou-se. Confessou o assassinato de Bernard Poisson. E Eugène, pergunto, incrédulo. Propagam-se rumores, mas não se conhece a verdade ao certo. Dizem que a esposa e o filho fugiram de casa. Não se sabe para onde foram. A mulher está gravemente ferida. Mal consegue mover-se. Decerto que precisou da ajuda do filho para fugir.

Não sinto vontade de jogar. Poderia extirpar o dinheiro de todos os presentes, mas, por enquanto, prefiro viver no deleite da minha vingança. François Penot está gravemente ferido e ainda não se sabe se convalescerá por completo. Jean Dubois está preso. Eugène Vigenères viu a família destruída. Apesar de tudo, no caminho de regresso a casa, chego à conclusão de que não tenho tão fortes motivos de celebração. A minha condição não é diferente da de Eugène. Cleópatra e Raymond ameaçam também abandonar-me, reduzindo-me à condição de Eugène. Cruzo-me com um homem embriagado que cambaleia com dificuldade pelas ruas húmidas. Conheço-o. É Teófilo Flamel, irmão do padre Zózimo. Noutros tempos, passeava-se frequentemente acompanhado por Bernard Poisson, mas agora anda sempre sozinho. Ouço-lhe o pensamento.

Hoje não vi Sabine na taverna. Quem me dera saber onde está. Quem me dera poder entrar no quarto dela enquanto ela dorme descansada, despir-lhe as roupas e sentir o corpo dela colado ao meu e depois desaparecer na escuridão da noite antes de ela reconhecer-me. Parece-me que ouço passos. Alguém se aproxima. Viro-me. Na escuridão da rua, discirno a silhueta de Nicholas de Meung. Atemorizado, afasto-me. Como Bernard, quase que caio numa vala. É este o homem que dizem que consegue estuprar o pensamento alheio. Será que ouviu o que pensava sobre Sabine? Será que sabe que estou agora a pensar se poderá saber o que penso neste momento? Apesar da embriaguez, procuro fugir, agarrando-me às paredes das casas.

Observo Teófilo afastando-se sofregamente. Como saberá que consigo ouvir-lhe o pensamento? Quando chego a casa, vejo que Cleópatra e Raymond já dormem. Ouço-lhes os sonhos, desta vez aprazíveis e inofensivos. Sento-me junto deles e penso como gostaria que nunca acordassem, que pudessem viver naquela quietude eterna. O cão avizinha-se. Continua mudo, desprovido de pensamentos. Vinde, peça-lhe, vinde comigo. Dirijo-me à sala e abro

a gaveta de um armário na qual guardo vários objectos dos quais usufruo pouco, entre eles dois punhais. Foi Eugène Vigenerès quem os fabricou e mos vendeu, digo ao cão. Parece que afinal também ele logrará ter a sua vingança. Agarro nos punhais e passo um dedo pelas lâminas. Estão ainda afiadas. Se não posso quebrar a minha promessa, voltar ao bosque e procurar o pássaro, tentarei arranjar outro modo de calar estas vozes. Reticente, enfio as lâminas dentro dos ouvidos e perfuro os tímpanos. Quando afasto os punhais e ergo a cabeça, percebo que não ouço mais o vento nem a chuva na rua, mas ouço ainda as vozes de Cleópatra e de Raymond. O que quer que me permita ouvir os pensamentos alheios não se encontra dentro dos meus ouvidos. Desalentado, prostro-me no chão e baixo a cabeça. Perco a esperança. O que vou fazer, pergunto ao cão, que se aproxima de mim e começa a lambe-me o rosto.

Acordo com um som estranho vindo da sala. Levanto-me e sigo-lhe a direcção. Vejo que Nicholas está ajoelhado no chão e ouço-o a falar sozinho. Ou talvez fale com o cão. Alarmada, aproximo-me e, tocando-lhe num ombro, pergunto-lhe, o que se passa? Sinto-o cada vez mais desprovido de razão.

Não ouço a voz de Cleópatra, mas ouço-lhe o pensamento, que inclui as suas palavras. Vejo quando tem os lábios inertes e quando estes se abrem e fecham, continuando assim a distinguir a palavra do raciocínio. Tomo uma mão dela e, erguendo-me, aperto-a com força contra o meu regaço. Talvez tendes razão, Cleópatra, confesso. Sinto que perco cada vez mais do que me resta da razão. Não logro mais ouvir os meus próprios pensamentos. Cleópatra não sabe o que há-de dizer e, como não ouço nada, percebo que também não sabe o que há-de pensar. Talvez pudesse reconfortar-me dizendo que não havia estorvo, que buscaríamos uma solução juntos. Quando éramos jovens, quase líamos os pensamentos mútuos. Por vezes, a linguagem era um mero acessório. No entanto, agora, mormente desde que encontrei o pássaro, tornámo-nos pessoas diferentes, tão diferentes como os seres humanos o são dos cães. Perdoai-me, peço, sentindo que lágrimas me escorrem rosto abaixo. Perdoai-me por todas as más acções, palavras e pensamentos que acalentei. Eu perdoo-vos, assegura-me Cleópatra. Perdoai-me também a mim, por favor, pois não sou diferente.

Torno a libertar os braços de Cleópatra. Haveis ouvido falar no que sucedeu hoje, pergunto, virando-me para a janela. O quê, questiona Cleópatra. Jean Dubois confessou-se como assassino de Bernard Poisson. Perenelle Vigenère descobriu que o marido a atraía com uma dançarina, pelo que fugiu de casa. Sim, ouvi, responde Cleópatra. Não desejo que vós e que Raymond fujam como ela. Ao contrário de Eugène, nunca fui pérfido nem cobiçoso.